



ACADEMIA MILITAR
DIRECÇÃO DE ENSINO
CURSO DE INFANTARIA
TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

OS SNIPER E AS FORÇAS NACIONAIS
DESTACADAS NO AFGANISTÃO

AUTOR: Aspirante Aluno de Infantaria Pires Borges
ORIENTADOR: Tenente-Coronel de Infantaria Vasconcelos Cipriano

Lisboa, Agosto de 2008



ACADEMIA MILITAR
DIRECÇÃO DE ENSINO
CURSO DE INFANTARIA
TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

**OS SNIPER E AS FORÇAS NACIONAIS
DESTACADAS NO AFGANISTÃO**

AUTOR: Aspirante Aluno de Infantaria Pires Borges
ORIENTADOR: Tenente-Coronel de Infantaria Vasconcelos Cipriano

Lisboa, Agosto de 2008



DEDICATÓRIA

Ao meu avô, que me educou, que esteve sempre disponível para me ajudar e ouvir, que permaneceu ao meu lado, sobretudo nos momentos mais difíceis, dedico este trabalho, etapa final da minha formação na Academia Militar.



AGRADECIMENTOS

Para este trabalho de investigação aplicada contribuiu, de forma muito empenhada, um conjunto de pessoas, às quais expresso os meus sinceros agradecimentos.

Ao Tenente-Coronel Almeida Luís, pelo constante incentivo, não só nesta fase final, mas ao longo de todo o tempo que desempenhou as funções de director de curso de Infantaria.

Ao Tenente-Coronel Matos Luís pelas suas orientações, principalmente no início da elaboração deste trabalho.

Ao meu orientador, Tenente-Coronel Cipriano, pelas sucessivas correcções que foi fazendo ao longo do trabalho e que apesar da acumulação de funções e consequentemente o pouco tempo disponível, nunca hesitou em me esclarecer.

Aos militares e civis do Centro de Tropas COMANDO, por me terem recebido na sua Unidade durante praticamente todo o tempo destinado à realização do presente trabalho. Em especial ao 2º Comandante pela disponibilidade que sempre demonstrou. Ao Major Mariano e ao Capitão Camilo, pelas informações que me facultaram, ao Capitão Chin, pelo apoio e constantes esclarecimentos prestados. A todos os Oficiais e Sargentos que desde o primeiro contacto se disponibilizaram para as entrevistas.

Aos militares do Centro de Tropas de Operações Especiais, uma palavra de apreço e consideração por todo o apoio consagrado, nomeadamente, ao Tenente-Coronel Narciso, ao Alferes Oliveira e ao 1º Sargento Sniper que foi entrevistado.

À minha família e amigos próximos, por todo o apoio, compreensão e afecto que desde sempre me dispensaram.

A todos um sincero OBRIGADO.



ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS.....	ii
ÍNDICE GERAL	iii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	v
ÍNDICE DE QUADROS.....	vi
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	vii
CORPO DE CONCEITOS	viii
RESUMO.....	x
ABSTRAT	xi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – O Afeganistão	5
INTRODUÇÃO	5
1.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS	5
1.2 TEATRO DE OPERAÇÕES DO AFEGANISTÃO	7
1.3 ÁREA DE OPERAÇÕES DAS FND.....	8
1.4 A AMEAÇA.....	9
CONCLUSÃO	10
CAPÍTULO II – O Sniper e as Forças Nacionais Destacadas	13
INTRODUÇÃO	13
2.1 O QUE É UM SNIPER	13
2.1.1 MISSÃO	15
2.1.2 SELECÇÃO E TREINO.....	15
2.1.3 A ARMA	16
2.1.4 “LUTA CONTRA SNIPER”	17
2.1.5 EMPREGO NO AFEGANISTÃO.....	18
2.2 FORÇAS NACIONAIS DESTACADAS.....	19
2.2.1 MISSÃO	19
2.2.2 EXEMPLOS DE OPERAÇÕES DESEMPENHADAS.....	20
2.2.3 COMPOSIÇÃO E ARTICULAÇÃO DAS FORÇAS.....	21
CONCLUSÃO	24
CAPÍTULO III – O Método	25
INTRODUÇÃO	25
3.1 SELECÇÃO DA AMOSTRA	25



3.2 ESTABELECIMENTO DO MEIO DE COMUNICAÇÃO	25
3.3 ESTRUTURA DAS ENTREVISTAS	26
3.4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	27
3.4.1 Entrevista realizada aos COMANDOS	27
3.4.2 Entrevista realizada ao Sniper	31
3.5 DISCUSSÃO RELATIVA À ENTREVISTA EFECTUADA AOS MILITARES DO CTC	31
3.6 DISCUSSÃO RELATIVA À ENTREVISTA EFECTUADA AO SNIPER	32
CONCLUSÃO	33
CONCLUSÕES	34
PROPOSTAS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	40
Anexo A	40
Anexo B	41
Anexo C	42
Anexo D	43
Anexo E	44
Anexo F	45
Anexo G	46
Anexo H	47
Anexo I	49
Anexo J	52
Anexo K	53
Anexo L	54
Anexo M	55
Anexo N	56
Anexo O	57
Anexo P	60
Anexo Q	61



ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Accuracy AWS</i>	16
Figura 2 - Espingarda Barret.....	17
Figura 3 - Composição da FND	22
Figura 4 - Equipamento e armamento da Companhia de COMANDOS	22
Figura 5 - Relação de militares da Companhia de COMANDOS.....	23
Figura 6 - Relação de viaturas da Companhia de COMANDOS	23



ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Questão nº 1	27
Quadro 2 - Questão nº 2	28
Quadro 3 - Questão nº 3	28
Quadro 4 - Questão nº 4	29
Quadro 5 - Questão nº 5	30
Quadro 6 - Questão nº 6	31



LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- AO - Área de Operações (ou AOO - Area of Operations)
- AWS - *Artic Warfare Supressed*, este tipo de espingarda (Accuracy), foi especialmente concebido para climas extremos e para usar munições subsónicas.
- CTC - Centro de Tropas Comando.
- CTOE - Centro de Tropas de Operações Especiais.
- EUA - Estados Unidos da América.
- FM - *Field Manual*, Manual de Campanha.
- FND - Força Nacional Destacada.
- ISAF - *International Security Assistance Force*, força de assistência de segurança internacional.
- LAV - *Light armored vehicle*, viatura blindada ligeira.
- MG - *Machine Gun*, metralhadora.
- NSE - *National Suport Element*, era uma unidade de escalão pelotão que integrava militares, de Transmissões, da Manutenção, Socorristas e mecânicos.
- OF - Oficial.
- ONU - Organização das Nações Unidas.
- OTAN - Organização Tratado Atlântico Norte.
- RPG - Lança granadas foguete de origem soviética.
- SGT - Sargento.
- SOLD - Soldado.
- TACP - *Tactical Air Control Party*, são controladores aéreos da Força Aérea portuguesa.
- TIA - Trabalho de Investigação Aplicada.
- TO - Teatro de Operações.
- TOW - *Tube-launched optically tracked, wired-guided missile*, míssil filoguiado lançado por tubo.
- TTP - Técnicas, Tácticas e Procedimentos.
- URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.



CORPO DE CONCEITOS

Alcance – No âmbito do presente trabalho, quando se refere ao alcance da arma, considera-se o alcance prático da mesma, ou seja, a distância à qual o atirador consegue retirar o máximo rendimento da arma.

Al-Qaeda – É uma rede internacional terrorista liderada por Osama Bin Laden. É procurada pelos EUA pelos ataques do 11 de Setembro de 2001 ao World Trade Center e ao Pentágono. Tem apoiantes provenientes de mais de 50 países.

(disponível em: www.cfr.org/publication/9126/, consultado em 20 de Agosto de 2008)

Ameaça – Qualquer elemento que manifeste uma intenção hostil para com as Nossas Forças.

Área de Operações – (AOO), *“divisão adicional do espaço terrestre, marítimo ou aéreo da área de operações conjunta ou área de exercícios. O termo AOO pode ser utilizado em sentido geral, para designar uma sub-área de uma outra área delegada num comandante subordinado por um comandante conjunto para uma finalidade específica...”*

(RC 130, 2005)

Calibre – Diâmetro do projectil das armas de fogo.

Capacidades Operacionais – Segundo o NATO ARMY ARMAMENTS GROUP, no seu grupo de trabalho TOPICAL GROUP 1, essas capacidades são as seguintes: Comando, Controlo, Comunicações e Informações (C3I), Mobilidade, Protecção, Sobrevivência, Apoio Logístico, Poder de Fogo e Treino.

Check-point – Local ou posto onde se executa a tarefa destinada à inspecção de pessoal e viaturas, bastante comum nas Operações de Apoio à Paz.

COMANDOS – São uma Força especial do Exército Português. Os COMANDOS nasceram no Exército Português como Forças Especiais de contraguerrilha. A sua criação correspondeu à necessidade do Exército dispor de Unidades especialmente adaptadas a este tipo de guerra de contraguerrilha que começou em Angola em 1961, e que mais tarde se estendeu á Guiné e a Moçambique.



Conflito – *“Consiste num afrontamento intencional entre dois ou mais seres ou grupos da mesma espécie que manifestam, um em relação ao outro, uma intenção hostil, em geral a propósito de um direito, e que para manterem, afirmarem ou restabelecerem esse direito procuram quebrar a resistência do outro, eventualmente pelo recurso à violência física, a qual pode tender, se necessário, ao aniquilamento físico”.*

(Couto, 1988)

Coronha – Parte das armas de fogo destinada a permitir o apoio no ombro do atirador.

Força Nacional Destacada (FND) – Unidades das Forças Armadas Portuguesas que se encontram em território estrangeiro.

Potencial de combate – *“O potencial de combate é o valor resultante da combinação dos meios materiais com a força moral de uma unidade. É, portanto, a resultante de todos os meios e acções que uma unidade pode aplicar contra um adversário e da sua capacidade de evitar ou limitar as acções que contra ela são, por este último, dirigidas.*

Depende em larga medida das qualidades de liderança e da competência profissional do comandante, traduzidas na organização, instrução, disciplina, espírito de corpo, estado do equipamento e emprego engenhoso das forças. O potencial de combate só tem significado quando examinado em relação ao das forças oponentes (potencial relativo de combate)”.

(RC 130, 2005)

Taliban – Elementos pertencentes a um movimento islâmico fundamentalista.

Teatro de Operações (TO) – *“O Teatro de Operações é a parte do teatro de guerra necessária à condução ou apoio das operações de combate. Teatros de Operações diferentes no mesmo teatro de guerra serão, normalmente, separados geograficamente e centrar-se-ão em diferentes forças inimigas. Os Teatros de Operações têm espaço suficiente para permitir operações durante períodos de tempo prolongados...”*

(RC 130, 2005)



RESUMO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada tem como propósito determinar de que modo os Sniper podem preservar as Capacidades Operacionais das Forças Nacionais Destacadas no Teatro de Operações do Afeganistão.

Após uma análise bibliográfica exaustiva conclui-se que o Afeganistão possui características específicas do terreno que potenciam o emprego dos Sniper. Extensos campos de observação e zonas montanhosas são algumas dessas características.

Relativamente à ameaça que as Nossas Forças encontraram nesse território, através das entrevistas efectuadas a Oficiais e Sargentos dos COMANDOS que estiveram destacados no Afeganistão, vamos efectivamente concluir que os Sniper podem ser um precioso auxílio, quer na obtenção de informações, quer no apoio de fogos, podendo bater alvos a grandes distâncias para as quais um atirador de Infantaria normal não está equipado nem preparado.

Vamos ainda concluir que os atiradores especiais adquirem grande relevância para este tipo de conflito no caso concreto do Afeganistão.

PALAVRAS-CHAVE: AFEGANISTÃO; FORÇAS NACIONAIS DESTACADAS; SNIPER.



ABSTRAT

The central purpose of this investigation essay is to determine how the Snipers can preserve the operational capacities of the assigned National Forces abroad on the operations theatre in Afghanistan.

After an exhaustive bibliographic analysis, one can conclude that Afghanistan possesses specific terrain characteristics that potentiate the employment of Snipers. Extensive observational camps and mountainous areas are some examples.

Concerning the threat that our Forces found in that country, with the help of interviews performed to Officers and Sergeants of the COMMANDOS that were assigned abroad, one can effectively determine that the Snipers can be a precious help both in the gathering of information, in the fire support and eliminating long distance targets to whom a normal infantry soldier is not equipped and trained.

We can conclude that special shooters have a huge role on this kind of conflict in this specific case of the Afghanistan.

KEY WORDS: AFGHANISTAN; NATIONAL FORCES ABROAD; SNIPER.



INTRODUÇÃO

Desde o final da Guerra Fria que as questões relativas à distribuição do poder e da direcção da política externa americana têm tido um papel de destaque nas discussões das relações internacionais. Há autores que defendem que actualmente nos encontramos perante um sistema internacional unipolar, na medida em que os Estados Unidos da América emergem como única superpotência hegemónica. Todavia, esta visível superioridade nem sempre é suficiente para alcançar o sucesso ao nível das operações militares. Se há menos de um século atrás quem estivesse melhor equipado e armado seria sem grandes surpresas o vencedor da Batalha, nos dias que correm, esse facto nem sempre se verifica. As actuais ameaças são muito mais difíceis de identificar e de enfrentar, deixando bastante claro que nenhum Estado lhes consegue fazer frente sozinho. Por essa razão, cabe às Forças Armadas acompanharem a evolução dos conflitos e prepararem-se adequadamente para enfrentar os novos desafios que lhes são colocados. Essa preparação passa não só pela aquisição de material e equipamento tecnologicamente evoluído, mas também pela preparação física e psíquica dos militares, a fim de se encontrarem em condições para enfrentar os mais variados Teatros de Operações.

Presentemente, podemos dizer que vivemos uma assimetria a nível dos conflitos. Segundo o Exmo. General Pinto Ramalho, Chefe do Estado-Maior do Exército, este conflito assimétrico, caracteriza-se por *«acções conduzidas por actores, estados, quase estados, ou não estados, com vista a ultrapassar ou negar capacidades do oponente, pondo ênfase na afectação/agravamento das vulnerabilidades percebidas; utiliza meios não habituais, que ponham em causa valores distintos ou antagónicos, levando a cabo estratégias não tradicionais, empregando capacidades não convencionais ou não ortodoxas, para atingir os seus fins»*¹. Esta assimetria verifica-se a vários níveis, económico, sociocultural e militar. Seguindo esta lógica de ideias e tendo presente as lições aprendidas dos americanos, podemos comprovar que nem mesmo os EUA com tecnologia avançada, soldados profissionais e disponibilidade financeira são suficientes para assegurar a vitória num cenário adverso, como é o caso recente do Afeganistão.

Neste trabalho de investigação proponho realizar um breve estudo sobre o conflito no Afeganistão e o emprego dos Sniper integrados nas Forças Nacionais Destacadas (FND), por considerar que estes elementos possuem características específicas, que podem trazer uma mais-valia para a força, preservando as suas Capacidades Operacionais.

¹ Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=223>, consultado em 25 de Junho de 2008



Para a realização deste trabalho tivemos como ponto de partida a seguinte questão central: *“De que modo os Sniper podem preservar as Capacidades Operacionais das FND no Teatro de Operações do Afeganistão?”*

Esta questão central e inicial direccionou-nos para a formulação de diversas questões derivadas, (QD), tais como:

- QD1** *“O TO do Afeganistão apresenta características particulares que poderão afectar as Capacidades Operacionais dos Exércitos convencionais?”;*
- QD2** *“O combatente Sniper possui características singulares que lhes permitem actuar em proveito das forças de combate convencionais a operarem no Afeganistão?”;*
- QD3** *“Terão os Sniper do Exército português a instrução e treino adequado ao Teatro de Operações do Afeganistão?”;*
- QD4** *“A actuação dos Sniper das FND, que já operaram no Afeganistão, constituiu-se como um factor multiplicador do potencial?”;*
- QD5** *“Os COMANDOS vêem os elementos Sniper como uma mais-valia para a Força?”*

Na tentativa de prever uma hipótese (H), como jeito de resposta para cada uma destas questões derivadas, apresentamos as seguintes:

- H1** As características da AO do Afeganistão afectam as Capacidades Operacionais de uma força convencional;
- H2** Os Sniper possuem características e valências, utilizando Técnicas, Tácticas e Procedimentos, (TTP) próprios, que operando com forças convencionais lhes conferem uma melhoria nas suas Capacidades Operacionais;
- H3** A formação e treino dos Sniper que integravam as FND no Afeganistão, demonstrou-se adequada para o tipo de TO;
- H4** Os COMANDOS consideram os Sniper como uma mais-valia para a Força.

Na primeira hipótese (H1), pretende-se responder à primeira Questão Derivada.

Na segunda hipótese (H2) pretende-se responder a duas questões derivadas, nomeadamente a segunda e a quarta.

A terceira hipótese (H3) responde à terceira e também à quarta questões derivadas.

Por fim, a quarta hipótese (H4) responderá à quinta questão derivada.

Assim sendo, o presente estudo encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, é apresentada, uma breve explicação sobre os antecedentes históricos do país, na medida em que para se compreender um conflito, torna-se necessário recorrer às suas origens. Pretende-se analisar o Terreno no Afeganistão, com maior particularidade na Área



INTRODUÇÃO

de Operações. Após esta análise do Terreno, procede-se a um breve estudo relativo à ameaça com que os militares portugueses se confrontaram.

No segundo capítulo pretende-se transmitir ao leitor o conceito de Sniper, as suas capacidades e limitações, bem como as missões, composição e articulação das FND.

No terceiro e último capítulo temos como objectivo proceder ao tratamento dos dados recolhidos com base em entrevistas. Foram entrevistados Oficiais e Sargentos dos COMANDOS e um Sniper do CTOE. É também aqui neste capítulo que serão apresentados os respectivos dados das entrevistas.

Para terminar surgem as conclusões e propostas.

Para a realização deste trabalho de investigação, foram utilizados o método da pesquisa bibliográfica e a entrevista.





“La mission ISAF est devenue une grande priorité de l’Otan, mais son accomplissement ne sera pas du tout facile. Les facteurs historiques et géopolitiques pèsent lourdement sur la situation de L’Afghanistan...”

(“A missão da ISAF se tornou-se uma prioridade importante da OTAN, mas o seu desempenho não será nada fácil. Os factores históricos e geopolíticos pesam sobre a situação no Afeganistão...”)

(EICHLER, 2007)

CAPÍTULO I – O Afeganistão

INTRODUÇÃO

O primeiro capítulo inicia-se com uma pequena abordagem à história do Afeganistão. Procura-se transmitir ao leitor as origens da actual conflitualidade. Seguidamente será feita, uma caracterização do terreno. Aspectos como o clima, o relevo, a hidrografia e a população serão aqui tratados. Para terminar, serão tecidas algumas considerações relativas à ameaça que as FND encontraram.

1.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Antes de iniciar a análise dos aspectos militares do terreno no Afeganistão, fundamentais para poder determinar se a presença dos Sniper no quadro orgânico das FND é relevante, vamos realizar um breve estudo dos seus antecedentes históricos, não desde o início da sua formação como território, porque não é útil no âmbito deste trabalho de investigação, mas sim numa janela de tempo que nos permita uma melhor compreensão da actual conflitualidade.

A história do Afeganistão indica que no decorrer dos dois últimos séculos, este País sempre se opôs com determinação a qualquer ameaça externa. Foi o caso das três guerras Anglo-Afegãs, 1838-1842, 1878-1880, e 1919, quando os ingleses quiseram criar um Império no Médio Oriente. Mais recentemente, as tribos afegãs, não hesitaram em se opor ao Exército Vermelho enviado no final dos anos 70. A resistência contra a ocupação soviética teve uma consequência importante, pois marcou a estreia de uma fragmentação política que continua a pesar fortemente sobre o Afeganistão contemporâneo². As forças soviéticas permaneceram no Afeganistão até Fevereiro de 1989, tanto por factores internos como pelo consequente colapso da URSS em 1991. O então presidente Najibullah manteve-se no poder até 1992, apesar da falta do apoio soviético e do apoio contínuo do Irão e da Arábia Saudita. Nesse ano inicia-se uma guerra civil entre as várias facções de guerrilheiros,

² (EICHLER, 2007).



resultando no aparecimento, em 1995, no Sul do Afeganistão, do movimento Taliban (facção islâmica ultra fundamentalista)³.

Terá sido a partir do 11 de Setembro de 2001 e da recusa dos Taliban em entregar o chefe da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, considerado responsável pelos atentados terroristas em Nova Iorque, por parte dos EUA, que se iniciou a derrota deste movimento extremista⁴.

Em 2001, o Afeganistão foi escolhido como “palco” para desencadear a guerra global contra o Terrorismo. Com os atentados às Torres Gémeas e ao Pentágono, pela primeira vez, o Artigo 5º do Tratado do Atlântico (ver anexo A) terá sido invocado.

Após a erradicação do regime Taliban, os EUA viram-se envolvidos numa necessária missão de reconstrução pós-conflito, para a qual não estavam preparados.

O objectivo seria o de conduzir uma missão por um curto prazo, devolvendo assim que possível, a condução dos destinos do país aos afegãos.

Entretanto, no contexto da dimensão militar e de segurança, é criada, a partir da Resolução 1386 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, a *Internacional Security Assistance Force (ISAF)*.

A par da ISAF, fixaram-se os passos para a reconstrução do sector da segurança, ficando cada um dos programas a cargo de uma nação-líder. À Alemanha coube a formação das forças de segurança pública, ao Reino Unido o combate ao narcotráfico e aos EUA a preparação das eleições presidenciais, consecutivamente adiadas até Outubro de 2004.

O problema da dimensão de segurança no que concerne ao processo de reconstrução do Afeganistão é, contudo, mais complexo do que o da estruturação da segurança. Estamos perante duas realidades que envolvem as forças Internacionais a actuar no país. Por um lado os EUA, que estavam envolvidos na reconstrução do país, lutavam simultaneamente contra a resistência Taliban e continuavam a caça a Osama Bin Laden, por outro lado, a missão mandatada pelas Nações Unidas, somente preocupada com o processo de reconstrução. Como resultado, temos uma mistura de missão de combate e de construção de paz a actuarem no mesmo território⁵.

A falta de segurança encorajou o incremento do cultivo de papoilas, tornando o Afeganistão no maior produtor mundial de ópio⁶.

Os anos seguintes serão fulcrais para estabilizar o país ao nível da segurança associada ao desenvolvimento. Os Talibans e os seus apoiantes mantêm, evidentemente, um desejo de reinstalar um Estado islâmico radical no Afeganistão. A participação portuguesa actual, constituída por 150 militares de Infantaria, COMANDOS e Pára-quedistas, alternando nas missões, foi integrada, na primeira fase, na Brigada Multinacional

³ (Ramonet et al., 2003 in Batista, 2006).

⁴ (Batista, 2006).

⁵ (Barrinha, 2006).

⁶ (Carriço, 2004).



de Cabul, conjuntamente com 7 militares da Força Aérea Portuguesa. Têm contribuído de uma forma exemplar para o esforço da ISAF⁷.

1.2 TEATRO DE OPERAÇÕES DO AFGANISTÃO

As características gerais da Área⁸ são indispensáveis para o estudo da missão de qualquer Comandante. Seguidamente realizar-se-á uma breve análise das mesmas, com vista a enquadrar o leitor no Teatro de Operações onde as Forças Nacionais Destacadas integradas na ISAF estiveram presentes.

O Afeganistão situa-se na Ásia Central, geograficamente localizado no Hemisfério Norte, não tem acesso ao mar, pelo que pode ser considerado um país interior. Faz fronteira com o Irão (936 km), com o Turquemenistão (744 km), com o Uzbequistão (237 km), com o Tadjiquistão (1206 km), com a China (76 km) e com o Paquistão (2430 km) (ver anexo B). Encontra-se dividido em 32 províncias que se subdividem em 329 distritos provinciais, sendo Cabul a sua capital (ver anexo C).

O clima no Afeganistão é árido, possui Invernos bastante rigorosos (com temperaturas negativas na ordem dos 30°C) e Verões muito quentes (com temperaturas na ordem dos 40°C, se bem que os termómetros das FND, chegaram a registar os 60°C). Contudo, para o Sul e Sudeste, as temperaturas são menos severas. Durante o Verão é normal haver sol e uma humidade baixa. O Inverno e a Primavera são muito encobertos. A precipitação é escassa.

É um país muito montanhoso, com predomínio de planaltos e montanhas, que chegam a ultrapassar os 7000 m de altitude. O ponto mais elevado do país é Nowshak no Nordeste da zona fronteiriça, com 7485m. No entanto, o país encontra-se predominantemente entre os 600 e os 3000 m de altitude (ver anexo D).

Hindu Kush e Pamir são montanhas que dividem o Afeganistão em três regiões distintas (ver anexo E). As montanhas Hindu Kush formam uma barreira entre o norte fértil e o resto do país.

O Afeganistão tem quatro grandes sistemas fluviais, o Cabul, o Helmand, o Amu Darya e o Harirud. Apenas o Amu Darya (também conhecido como o Oxus) tem importantes troços navegáveis, embora todos eles, bem como os respectivos afluentes sejam utilizados para a irrigação (ver anexo F).

Ao nível de vias de comunicação, possui apenas 24 Km de vias-férreas e 1.800 km de vias rodoviárias. Tem 4 aeroportos e 32 aeródromos de terra batida (ver anexo G).

⁷ (Silva, 2008).

⁸ Segundo a doutrina portuguesa, as características gerais da área são as seguintes: Clima, hidrografia, condições meteorológicas e relevo.



Quanto aos principais centros populacionais, destaque para Kandahar e Cabul, (áreas de operações das Nossas Forças), Jalalabab, Mazar-e Sharif e Herat.

Kandahar é a segunda maior cidade e localiza-se no Sul do Afeganistão, cerca de 500 km a Sudoeste de Cabul e a 90 km a Nordeste da fronteira do Paquistão. É uma zona arenosa, de pouca vegetação que alterna com um extenso deserto de planícies (ver anexo H).

Por sua vez, Cabul está localizada no nordeste do Afeganistão, nas margens do rio Cabul. Encontra-se estrategicamente bem localizada num vale estreito rodeada de montanhas⁹ (ver anexo I).

Embora não se encontre relacionada com as características gerais da área, consideramos relevante efectuar uma sumária caracterização da população. Estudos realizados em 2008 apontam para um total de 32.738.376 habitantes. Os principais grupos étnicos são os seguintes: Pashtun 42%, Tajique 27%, Hazara 9%, Uzbeque 9%, outros 13%. No entanto, apesar da visível diversidade étnica, a esmagadora maioria é de religião muçulmana, (cerca de 99%)¹⁰. Relativamente aos principais problemas sociais, destacamos a pobreza e miséria, falta de saneamento básico, check points ilegais, corrupção, roubos e ameaças. Podemos facilmente reconhecer o clima de insegurança que a população afegã está a assistir. Neste sentido, mais uma vez se realça a importância da presença dos militares das Nações Unidas neste território.

1.3 ÁREA DE OPERAÇÕES DAS FND

Como facilmente podemos comprovar, as condições climatéricas e o próprio terreno do Afeganistão, concretamente nas cidades de Cabul e de Kandahar, constituem grandes barreiras físicas para os soldados. Actuar neste tipo de ambiente requer uma elevada preparação física e psicológica.

Se por um lado o terreno montanhoso potencia o emprego de atiradores especiais, por outro lado, dificulta a progressão das Forças, tornando-as mais vulneráveis a variados ataques¹¹. Deste modo, no Afeganistão a supremacia qualitativa ou quantitativa não garante o sucesso da missão. As grandes montanhas e os vales profundos constituem terreno ideal para a guerra assimétrica. Verificando-se emboscadas em incursões relâmpago, seguidas

⁹ Disponível em: <https://www.cia.gov/search?NS-search-page=results>, consultado em 11 de Julho de 2008.

¹⁰ Disponível em: <http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/flags/af-flag.html>, consultado em 10 de Julho de 2008.

¹¹ Os mais comuns eram ataques suicidas, ataques com engenhos explosivos improvisados (IED'S) e ataques de flagelação (armas ligeiras), pelo que a modalidade de acção mais perigosa era a combinação de vários ataques, o que chegou efectivamente a acontecer com os militares portugueses.



de rápida dispersão dos atacantes. As condições geográficas afectam a moral das Tropas e contribuem significativamente para as baixas nos Exércitos estrangeiros.

1.4 A AMEAÇA

Tal como foi referido, neste ponto pretende-se caracterizar a ameaça que as FND enfrentaram no Afeganistão.

As forças Talibãs provaram ser ainda mais desorganizadas do que os Americanos e Britânicos pensavam no início do conflito. A sua adaptação e inovação foram lentas.

Uma combinação de factores políticos e militares transformaram uma campanha que se afigurava muito mais longa numa relativamente breve.

Os Talibans e a Al-Qaeda, inicialmente, tentaram defender-se em áreas onde eram altamente impopulares e muito dependentes do deslocamento em veículos motorizados em estradas facilmente atingíveis. Não só o terreno e as poucas infra-estruturas limitaram as opções da Al-Qaeda e dos Talibans, como também ajudaram a canalizar os esforços de reconhecimento, vigilância e de informações dos Estados Unidos da América. Havia poucas áreas edificadas para vigiar, poucas estradas, poucos pontos de contacto entre os Talibans, a Al-Qaeda e a Aliança do Norte¹². Estes factores possibilitaram o uso pleno do reconhecimento, vigilância e informações.

Embora os Talibans e a Al-Qaeda tivessem tentado abrigar-se em áreas urbanas e usar a população como escudo, foram forçados a fixarem-se em complexos e em áreas atingíveis, ou seja, locais onde os danos colaterais pudessem ser limitados. O impacto reduzido dos mísseis e ataques aéreos americanos, tornou claro que a maioria dos afegãos tinha uma intenção hostil para com os Talibans e Al-Qaeda¹³.

Acabámos de visualizar em termos genéricos qual o tipo de ameaça e a sua relação com a população local. De seguida vamos analisar mais pormenorizadamente o seu modo de actuar.

Segundo as lições aprendidas e a doutrina do Exército Americano, os Talibans aplicam táticas e técnicas, algumas das quais conhecidas há milénios, com o intuito de enfraquecer o adversário e para ganhar o apoio da população¹⁴. Estas variam consoante a zona, contudo, algumas delas têm-se verificado usuais na forma de actuar:

- *Se o inimigo atacar, dispersar e desaparecer;*
- *Se o inimigo defender, fustigar;*
- *Se o inimigo se mostrar vulnerável, atacar.*

¹² A Aliança do Norte era constituída maioritariamente por Tadjiques, Uzebeques e Hazaras.

¹³ (Cordesman, 2002)

¹⁴ Especificidade da guerra assimétrica, o mais fraco como não tem capacidade para derrotar o adversário através de um só golpe, tenta desgastá-lo física e psicologicamente empregando vários ataques.



Alguns destes elementos já lutaram contra os russos, a Aliança do Norte e vários tipos de unidades especiais e convencionais, pelo que as suas capacidades não devem ser desprezadas.

No que diz respeito à ameaça, podemos ainda determinar as seguintes confrontações.

Os Talibãs encontram-se no seu Território e não possuem intenções de o abandonar, ao passo que as Forças da Nato fazem rotação por períodos de tempo e estão a actuar num Território desconhecido.

Segundo as suas convicções, eles acreditam que já é uma vitória matar ou ferir um soldado de uma Força destacada no Afeganistão.

Encontram-se em constante observação à procura de padrões e vulnerabilidades que possam utilizar a seu favor.

Têm mais receio de uma pequena Força infiltrada e apeada, devidamente equipada que utilize a surpresa e a dissimulação para se aproximar e os destruir, do que uma grande Força motorizada que pode ser avistada em deslocamento a quilómetros de distância.¹⁵

As inovações encontradas no território afegão actual são o resultado em grande parte da transferência de ensinamentos de outros conflitos, designadamente do Iraque, principalmente na aplicação de engenhos explosivos improvisados. O «método suicida», sem precedência no Afeganistão, está a ser aplicado no meio rural e urbano, embora com pouca eficácia no número de alvos atingidos.¹⁶

Possuem armas ligeiras, metralhadoras ligeiras, RPG's, lança granadas improvisados e espingardas para Sniper.

CONCLUSÃO

O Afeganistão tem sido “palco” de variadas Guerras ao longo destes últimos anos.

Por ser um país de localização estratégica relevante, formando uma ligação terrestre entre os corredores das condutas de petróleo e de gás que liga a bacia do Mar Cáspio e do Mar Árábico, é simultaneamente estratégico pela sua produção de ópio que presentemente, segundo fontes da ONU, fornece mais de 90% do mercado mundial de heroína¹⁷. A conquista do seu território foi uma prioridade, quer dos ingleses, quer do Exército Vermelho da ex União Soviética. Os efeitos destes conflitos, ainda hoje são manifestos.

O próprio clima e o terreno essencialmente acidentado, principalmente nas zonas fronteiriças, favoreceram os seus combatentes.

¹⁵ (Coutinho, 2007)

¹⁶ (Silva, 2008)

¹⁷ (disponível em: <http://resistir.info/chossudovsky/al-qaeda-10jan08.html>, consultado em 28 de Julho de 2008)



Motivo pelo qual continua a ser um país independente, apesar de, economicamente, a maioria da população depender de ajuda internacional para sobreviver.

Relativamente à ameaça, não a podemos menosprezar por ser qualitativa e quantitativamente mais fraca. Uma vez que se encontra no seu território, conhece-o melhor do que qualquer Exército estrangeiro e retirou ensinamentos dos conflitos antecedentes.

Apesar da sua fraca eficácia, os ataques suicidas começaram a ser aplicados no meio rural e urbano do Afeganistão, facto que anteriormente à invasão americana não se verificava.





“Dieu n'est pas pour les gros bataillons, mais pour ceux qui tirent le mieux.”
(“Deus não está do lado dos grandes Batalhões, mas sim dos que atiram melhor”)
Voltaire

CAPÍTULO II – O Sniper e as Forças Nacionais Destacadas

INTRODUÇÃO

Numa primeira parte deste capítulo, apresentar-se-ão alguns conceitos teóricos que consideramos mais importantes relativamente ao Sniper. Como surgiu o termo Sniper, onde apareceram os primeiros militares, missão, selecção e treino, a arma e a “luta contra Sniper”, serão assuntos aqui desenvolvidos. No que concerne às FND, serão abordadas numa segunda parte de uma forma genérica as principais operações realizadas, a composição e articulação das Forças.

2.1 O QUE É UM SNIPER

O termo “Sniper”, apesar de não existirem certezas da altura em que começou a ser usado, sabe-se que provém de uma pequena ave, a “snipe” (ver anexo J), encontrada nos pântanos da Escócia e da Inglaterra, onde passava os Invernos. Devido á sua agilidade, a “snipe” era considerada um alvo extraordinariamente difícil de acertar. Por esse motivo, aquele que a conseguisse abater era considerado um exímio atirador.

Durante o séc. XVIII, o termo “snipe shooting” evoluiu para “sniping”¹⁸. Podemos encontrar registos dessa data, em cartas de Oficiais Ingleses, em Serviço na Índia nas quais surge esse termo.

Ao que parece, o termo Sniper provém da Imprensa durante os primeiros meses da Primeira Guerra Mundial. A partir desta data em diante, estava implícito na utilização do termo, um soldado equipado com uma espingarda, que era geralmente, (mas não exclusivamente) equipada com uma alça telescópica e que disparava sobre alvos militares, a partir de posições camufladas¹⁹.

Terá sido efectivamente a partir do início do séc. XX que os Exércitos, começam a reconhecer a importância dos atiradores de precisão. *“O salto de qualidade foi dado durante a Segunda Grande Guerra, pelos Japoneses, Britânicos, Russos, Americanos e Alemães, através de Unidades específicas de treino para o emprego deste tipo de atirador”*²⁰. Com o final da mesma, o Sniper perde relevância no Campo de Batalha, e passa a ser visto apenas

¹⁸ (Pegler, 2001)

¹⁹ (Pegler, 2004)

²⁰ (Dias, 2004)



como um artigo de luxo, pelo que a maioria dos Exércitos deixa de possuir os seus grupos de Sniper.

Contudo, a partir de 1950, na maioria dos conflitos que ocorreram, os Sniper foram empregues, adquirindo a luta anti-sniper especial relevo em alguns dos casos.

Assim sendo, após esta breve análise da origem do termo, podemos constatar que ao Sniper, está associada a ideia de um atirador de elite, com qualidades especiais, treino e equipamento, que o diferenciam de um simples atirador de Infantaria e que possui um papel bastante determinante no Moderno Campo de Batalha, podendo ser utilizado em todos os níveis do conflito, desde Operações de Apoio á Paz, Reconhecimentos, Emboscadas, Operações Defensivas ou Ofensivas, entre outras. Passou a ser uma das armas mais eficazes, podendo localizar e/ou eliminar alvos remuneradores, como também abater a moral, espalhar o medo e ainda recolher informações imprescindíveis para as decisões dos Comandantes.

“The sniper has special abilities, training and equipment. His job is to deliver discriminatory highly accurate rifle fire against enemy targets, which cannot be engaged successfully by the rifleman because of range, size, location, fleeting nature, or visibility”²¹. Neste excerto do Manual Americano do Sniper, podemos constatar facilmente a principal diferença entre um atirador normal de Infantaria e um Sniper, pois este tem capacidades, treino e equipamento especiais e o seu trabalho é fornecer discriminadamente fogo altamente preciso contra alvos inimigos que não podem ser adquiridos com sucesso pelo atirador de Infantaria devido ao alcance, tamanho, localização e visibilidade.

É importante referir que normalmente o Sniper não trabalha sozinho²², ou seja, o elemento Sniper é constituído por dois indivíduos, na qual ambos têm o mesmo treino e instrução, fornecendo segurança e apoio mútuo. Por norma, o elemento mais experiente da equipa actua como observador durante o “disparo”, dado que tem mais facilidade em completar os cálculos do vento e das distâncias.

A camuflagem é uma das principais armas da Guerra, podendo ditar a diferença entre uma missão bem ou mal sucedida. Para uma equipa Sniper, significa mesmo a diferença entre a vida e a morte, visto (muitas das vezes) actuarem isoladamente no campo de batalha. Para se confundirem com o meio ambiente, utilizam fatos designados de «Ghillie Suit», que são colocados em cima do uniforme²³ (ver anexo K).

²¹ FM 23 – 10 AMERICAN SNIPER FIELD MANUAL.

²² Pode ser empregue individualmente, mas quando em pares, adquirem o alvo mais rapidamente e podem permanecer mais tempo no terreno.

²³ No caso do TO do Afeganistão muitas das vezes não eram utilizados este tipo de fatos, principalmente no Verão, uma vez que as temperaturas eram extremamente elevadas.



2.1.1 MISSÃO

Podem ser atribuídas dois tipos de missões ao Sniper. Apoiar as operações militares fornecendo fogo preciso sobre alvos seleccionados às longas distâncias. Por essa razão, o Sniper assusta os soldados inimigos, colocando-os sob forte tensão psicológica, a fim de lhes baixar o moral.

A missão secundária do Sniper é recolher e transmitir informações do Campo de Batalha.

Podemos verificar que a principal missão é exclusiva, na medida em que é o único meio através do qual uma determinada Unidade pode eliminar alvos a distâncias para além dos alcances permitidos pela espingarda automática G3²⁴.

2.1.2 SELECÇÃO E TREINO

A formação para um candidato a Sniper, exige como é natural, uma cuidadosa triagem. O rigoroso programa de treino e um grande risco pessoal de combate impõem uma grande motivação e a capacidade de aprender uma variedade de habilidades. Assim, as directrizes básicas para a selecção são as seguintes:

Inteligência: as funções de um Sniper exigem uma ampla variedade de conhecimentos. Balística, tipo e capacidades das munições, ajuste de miras telescópicas consoante a distância, procedimentos rádio, navegação terrestre, procedimentos para efectuar observações e pesquisa de notícias, técnicas de sobrevivência, fuga e evasão, são alguns dos exemplos.

Equilíbrio emocional e psicológico: um candidato que manifeste qualquer sentimento de ódio, vontade de matar ou de ansiedade deve ser imediatamente eliminado do curso. Por sua vez, este deve ter confiança, iniciativa, lealdade, disciplina e estabilidade emocional.

Não fumador: um Sniper não deve ser fumador, o fumo pode causar tosse e pode levar à sua detecção.

Boa visão: a acuidade visual é uma das principais ferramentas do Sniper.

Condição física excelente: muitas das vezes, o Sniper é empregue em missões nas quais dorme e se alimenta pouco. Bons reflexos significa melhor saúde, melhor controle muscular, e uma maior resistência.

Tiro de precisão: ter uma boa capacidade para este tipo de tiro.

Acabámos de verificar que ser um bom atirador não basta para ser Sniper, é apenas um dos pontos necessários.

²⁴ A espingarda automática G3 é a arma que equipa as Tropas Comando, tem um alcance prático de 200 metros e um alcance eficaz de 1700 metros. Porém, na prática sabemos que a partir dos 300 metros, já se torna bastante difícil de adquirir o alvo.



2.1.3 A ARMA

A arma é sem dúvida o aspecto de maior importância para o atirador. Actualmente são inúmeros os sistemas de funcionamento, calibres, pesos e tamanhos, cada qual adaptado às mais variadas situações táticas.

No âmbito deste Trabalho de Investigação Aplicada, apenas para ficarmos com uma ideia do tipo de armas mais comuns utilizadas pelos Sniper, iremos apresentar as espingardas 7,62 mm Accuracy AWS e a espingarda anti-material Barret 12,7 mm, pelo facto de ambas as armas equiparem o Centro de Tropas Operações Especiais em Lamego, única Unidade em Portugal onde se ministram cursos de Sniper.

“A Accuracy AWS é uma arma ordinária de repetição. Utiliza uma culatra de cilindro ou de ferrolho. Quanto ao seu movimento, é uma culatra de escorregamento e rotação. Dá-se primeiro um movimento de rotação à culatra, sendo depois puxada à retaguarda. Ao fechar a culatra, o percutor que se encontra no seu interior é armado.

A alimentação é efectuada por acção da mola do depósito. Um extractor de garra de mola efectua a extracção do invólucro. A ejeção verifica-se quando o atirador abre a culatra e a leva á retaguarda. A ejeção tem lugar quando o invólucro, extraído da câmara e com a sua base, apoiada na cabeça da culatra, encontra a ponta saliente de um ejector”.²⁵



Figura 1 - Accuracy AWS

Fonte: <http://world.guns.ru/sniper/ai-aw762.jpg>

Características:

- País de origem: Inglaterra
- Calibre: 7,62 mm
- Número de estrias: 6
- Sentido das estrias: Dextorsum
- Comprimento da arma: 1124-1194 mm
- Comprimento do cano: 655mm
- Aparelho de pontaria: Utiliza uma alça telescópica Schmith & Bunder 6 x 42
- Alcance eficaz: Cerca de 300 m (com munição de alta velocidade)
- Depósito: Independente para 10 munições
- Munição: 7,62 x 51 mm NATO (invólucro metálico com base em garganta e percussão central).
- Peso do projétil: 9,45 g.

²⁵ (Excerto da obra de António José Telo & Mário Álvares, Armamento do Exército Português).



- Peso da munição: Aproximadamente 24g.
- Mecanismo de segurança: Por imobilização da culatra ou do percutor
- Funcionamento: Arma ordinária de repetição.

A espingarda Barret é igualmente uma arma ordinária de repetição, a culatra é de cilindro ou de ferrolho e o respectivo movimento é de escorregamento e rotação.

O cano tem 736 mm de comprimento, com caneluras exteriores para facilitar a refrigeração e reduzir o peso. A coronha possui uma configuração destinada a absorver o recuo resultante do disparo²⁶.



Figura 2 - Espingarda Barret

Fonte: <http://home.swipnet.se/longrange/barret95%201.jpg>

Características:

- País de origem: EUA
- Calibre: 12,7 mm
- Comprimento da arma: 1143 mm
- Aparelho de pontaria: metálico. Vem equipada com duas ópticas: uma diurna de 10x42 aumentos, e uma de visão nocturna designada por Litton Aquila x6 Night Vision Device (NVD)
- Alcance máximo: 6800 m
- Alcance útil: 1830 m
- Depósito: Independente para 5 munições
- Munição: 12,7 x 99 mm - americano (invólucro metálico com base de garganta e percussão central).
- Peso do projectil: 41,8 g.
- Peso da munição: Aproximadamente 121,6 g.
- Funcionamento: Arma ordinária de repetição.

2.1.4 “LUTA CONTRA SNIPER”

A guerra de Sniper levou à evolução de várias táticas anti-sniper. Quando um ataque acontece, o mais difícil é determinar a sua localização. Este facto deve-se a vários factores. Em primeiro lugar porque os Sniper escolhem a sua posição de tiro cuidadosamente, depois porque são “mestres” na camuflagem, aliado ao facto de fazerem fogo a grandes distâncias,

²⁶ (José Telo & Mário Álvares, Armamento do Exército Português).



torna-se efectivamente numa tarefa bastante delicada quando se trata da sua detecção. Um Sniper amigo em regra é a melhor ferramenta anti-sniper.

Com o conhecimento do terreno, um Sniper pode oferecer conselhos a um pelotão, melhorando a sua capacidade de reconhecimento, e meios de combater o Sniper inimigo directamente. Quando dito o que observar, o pelotão poderá agir como ouvidos e olhos adicionais do Sniper. Tal como podemos concluir, existe aqui uma ligação entre o pelotão e o Sniper, em que um complementa o outro, auxiliando-se na missão.

A observação directa é o meio mais preciso para localizar um Sniper, contudo, como facilmente nos apercebemos, é algo muito difícil de acontecer.

A câmara térmica é um dos melhores meios de detecção, funcionando em condições de visibilidade reduzida.

Outros sistemas de detecção foram desenvolvidos, vocacionados só para este tipo de acções, nomeadamente o “Boomerang” (ver anexo L). Este sistema foi desenvolvido pelos Britânicos e consegue determinar o tipo de projectil, trajectória e ponto do disparo. Usa microfones para detectar o disparo e a onda sónica do projectil. O sensor detecta, classifica, localiza e mostra o resultado num mapa.

Existem outras técnicas, porém, na nossa perspectiva estas são as três mais importantes.

2.1.5 EMPREGO NO AFGANISTÃO

Importa aqui realçar que embora a sua presença tenha sido solicitada desde o início, os Sniper só participaram em duas missões no Teatro de Operações do Afeganistão²⁷, sendo que em ambas, foram integrados nas Companhias de COMANDOS.

Já vimos quais as principais missões de um Sniper, no entanto, podem participar em algumas tarefas simples. Uma delas foi a segurança do perímetro. Sempre que o Aquartelamento recebia Altas Entidades, era colocado em locais onde eventualmente a ameaça se fizesse sentir.

Também no âmbito da segurança da força, foi a observação e detecção de pessoal ou material suspeito sempre que os COMANDOS se deslocavam para zonas urbanas. Assim, a força no terreno já tinha conhecimento das zonas mais perigosas, para além de poderem fornecer fogo ajustado contra qualquer ameaça que surgisse repentinamente.

Uma terceira aplicação dos Sniper no Afeganistão foi apoiar a realização de “check-points”, apesar de, na maioria dos casos as Tropas Portuguesas não efectuarem a execução destas tarefas²⁸, a sua monitorização e controlo era constantemente solicitada.

²⁷ No caso concreto de Portugal.

²⁸ As Forças Afgãs eram responsáveis por este tipo de tarefas, contudo, para evitar a corrupção, muitas vezes eram os Comandos quem supervisionava.



Deste modo, caso uma viatura não obedecesse às suas ordens, ou fosse considerada uma viatura suspeita, os Sniper através de uma Check-list, detectavam antecipadamente estas viaturas, tendo assim uma capacidade de reacção mais eficaz.

Uma última aplicação dos Sniper terá sido a reacção a um atirador especial durante uma patrulha.

Como podemos ver, o Sniper pode ser um precioso auxílio para as várias situações do dia-a-dia, potenciando assim a Força em que esteve integrado.

Acabámos de analisar sucintamente alguns aspectos referentes ao Sniper. De seguida, passar-se-á a descrever a missão, composição e articulação das FND, no caso concreto das Tropas COMANDO que estiveram no Teatro de Operações do Afeganistão.

2.2 FORÇAS NACIONAIS DESTACADAS

2.2.1 MISSÃO

Para compreendermos as missões específicas que as nossas Tropas desempenharam, é importante percebermos em primeiro lugar a missão genérica da NATO e logicamente da ISAF.

A missão da NATO no Afeganistão é entendida como um teste às capacidades militares dos Aliados. Desde o 11 de Setembro de 2001 que os Estados membros têm procurado criar uma “nova NATO”, capaz de actuar para além do Território Europeu e combater em novos Teatros.

Duas operações militares no Afeganistão que visaram estabilizar o país. A 1ª “*Operation Enduring Freedom*” (OEF), foi uma operação de combate liderada pelos EUA contra a Al-Qaeda, inicialmente na parte oriental do país, ao longo da fronteira com o Paquistão. Apesar de esta operação não ter sido levada a cabo pela NATO, não nos podemos esquecer que muitos dos parceiros da Coligação são também membros da NATO. A segunda operação foi a “*International Security Assistance Force*” (ISAF), estabelecida pela Comunidade Internacional em 2002 para estabilizar o país. No ano seguinte, a NATO assumiu a missão da ISAF. Em Julho de 2007 a ISAF tinha aproximadamente 35.000 tropas oriundas de 37 países, na qual Portugal se encontrava incluído com uma Companhia de COMANDOS. Os EUA tinham 15.000 a 19.000 elementos integrados na ISAF (ver anexo M).

A actuação da NATO no Afeganistão iniciou-se no mandato das Nações Unidas em Agosto de 2003. Alguns Estados não pertencentes à NATO, como a Austrália e a Nova Zelândia, contribuíram com alguns recursos, contudo, os líderes na NATO tiveram alguma



difficuldade em persuadir alguns Estados Aliados para contribuírem enviando Forças militares para a ISAF.

Ao longo do tempo, a Aliança estabeleceu 4 fases para controlar o Afeganistão. De seguida passarei a descrever sucintamente cada uma delas. (ver anexo N)

A primeira fase ocorreu entre o período de Agosto de 2003 até 2004. A NATO deslocou-se na parte Norte do país, a Força era predominantemente composta por alemães e franceses.

A segunda fase começou em Maio de 2005 a partir do momento em que a NATO começou a movimentar as suas Forças para a zona Oeste do Afeganistão. A Força era maioritariamente constituída por espanhóis e italianos.

A terceira fase iniciou-se em Julho de 2006 quando a ISAF moveu as suas Forças para o Sul do território afegão. A Força era maioritariamente constituída por americanos, britânicos, canadianos e holandeses.

A última fase começou em Outubro de 2006 a partir do momento que a ISAF assumiu o controlo do Afeganistão. Contudo, os Estados Unidos da América continuaram com operações de combate em locais com pequenas bolsas de resistência²⁹.

É neste País em vias de recuperação e de reconstrução, no limiar da pobreza, com falta de apoios e infra-estruturas, elevada concentração de minas terrestres dos vários conflitos e com plantações ilegais de papoila do ópio para comércio de heroína, que as Forças Portuguesas, designadamente as Companhias de COMANDOS e Pára-quedistas, se integram e assumem um papel vital dando cumprimento aos compromissos assumidos Internacionalmente.

Sendo escalões tipicamente de combate, estas unidades assumiram uma postura de *Quick Reaction Force* (QRF), levando a cabo uma pertinaz acção ofensiva, de procura e aniquilamento de forças opositoras, ao governo afegão e à ISAF³⁰.

Assim sendo podemos admitir que as Forças Portuguesas constituíam a reserva táctica do comando da ISAF, podendo ser empenhadas sempre que o comandante o entendesse. Seguidamente iremos ver algumas operações de natureza distintas que foram desempenhadas, neste caso concreto por uma Companhia de COMANDOS.

2.2.2 EXEMPLOS DE OPERAÇÕES DESEMPENHADAS

Operação ELYSIAN FIELDS, realizada em apoio á rotação do Battle Group Francês, através de patrulhamentos a Noroeste de CABUL.

Operação ILUSÃO, manobra de diversão na região de Howz-e-Madad, com a participação de forças canadianas e afegãs.

²⁹ (Gallis, 2007)

³⁰ (Grilo, 2007)



Operação ESCORPIÃO, apoio às Forças de Segurança Afegãs, para que estas fizessem uma limpeza de zona na região de Band-e-Teymur, local referenciado como utilizado para infiltração e exfiltração de insurgentes, nos distritos de Helmand, Maywand e Zhari-Panjwayi.

Como podemos reconhecer havia uma grande variedade de missões que eram atribuídas às FND. Patrulhamentos, manobras de diversão e cooperação com Forças Afegãs são alguns exemplos. Muitas das vezes, nestas operações houve contacto efectivo com as forças opositoras.

2.2.3 COMPOSIÇÃO E ARTICULAÇÃO DAS FORÇAS

A Força de Reacção Rápida Portuguesa (PO QRF) era constituída no total por 157 militares, dos quais 10 estavam no Comando da Força (HQ)³¹, 25 no elemento de apoio nacional (NSE)³², 7 controladores aéreos da Força Aérea, (TACP)³³ e 115 militares na Companhia de COMANDOS³⁴.

O comando da Companhia de COMANDOS tinha atribuídas 2 metralhadoras Browning 7,62mm, uma em cada viatura blindada ligeira M11 (LAV M11).

A secção anti-carro tinha 2 armas anti-carro TOW, também uma em cada viatura blindada ligeira URO (LAV URO). De referir que sempre que os Sniper integravam a FND, a secção anti-carro era suprimida. Temos de ter presente que o número de militares a integrar a Força era fixo, não podendo ser alterado.

Cada grupo de combate possuía 7 viaturas blindadas ligeiras, das quais 1 LAV M 11 e 6 LAV URO. Quanto ao armamento, cada grupo tinha atribuído 3 metralhadoras pesadas Browning 12,7 mm (MP Browning 12,7), 2 metralhadoras ligeiras MG3 7,62 mm, 1 Browning 7,62 mm, um lança granadas Santa Bárbara 40 mm (AGL Sta Bárbara), 2 morteiros 60 mm (mortar 60 mm) e 2 armas anti-carro Carl Gustav 84 mm.

³¹ 5 Oficiais, 3 Sargentos e 2 Praças.

³² 2 Oficiais, 10 Sargentos e 13 Praças.

³³ 2 Oficiais, 4 Sargentos e 1 Praça

³⁴ 5 Oficiais, 25 Sargentos e 85 Praças

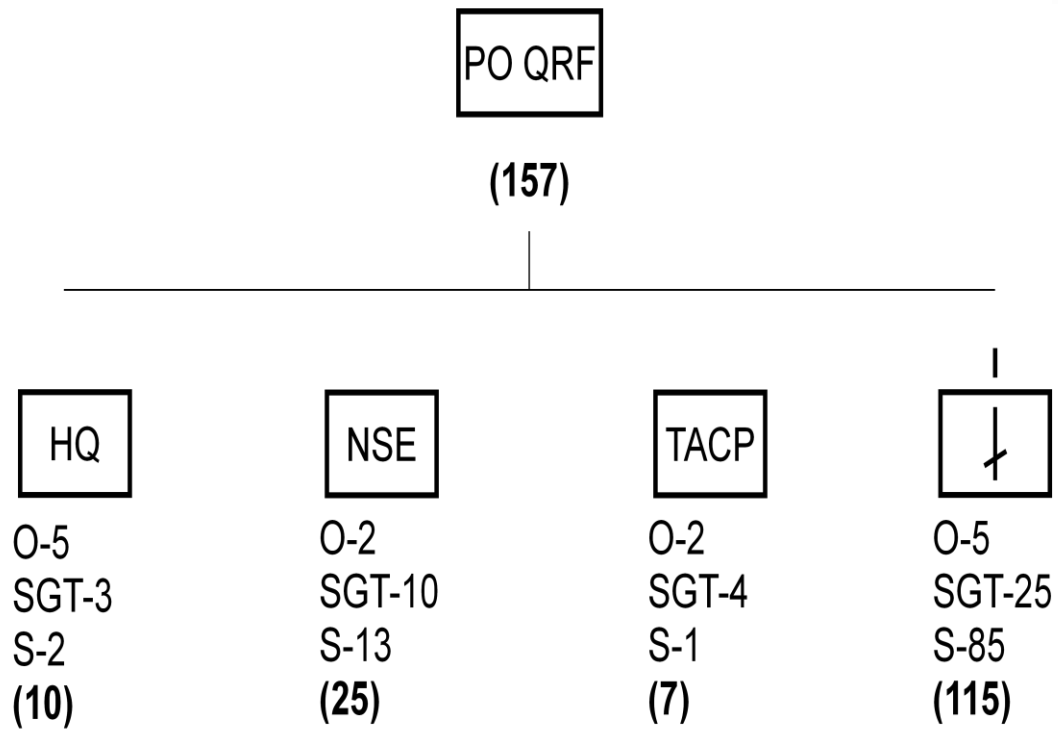


Figura 3 - Composição da FND

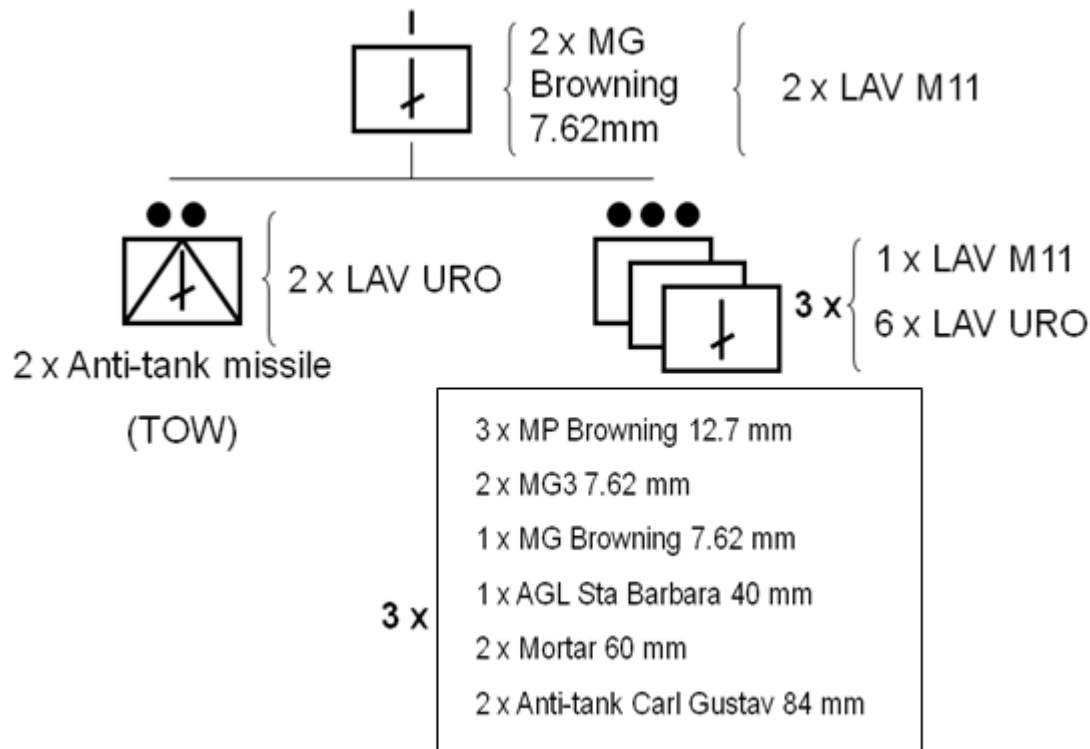


Figura 4 - Equipamento e armamento da Companhia de COMANDOS

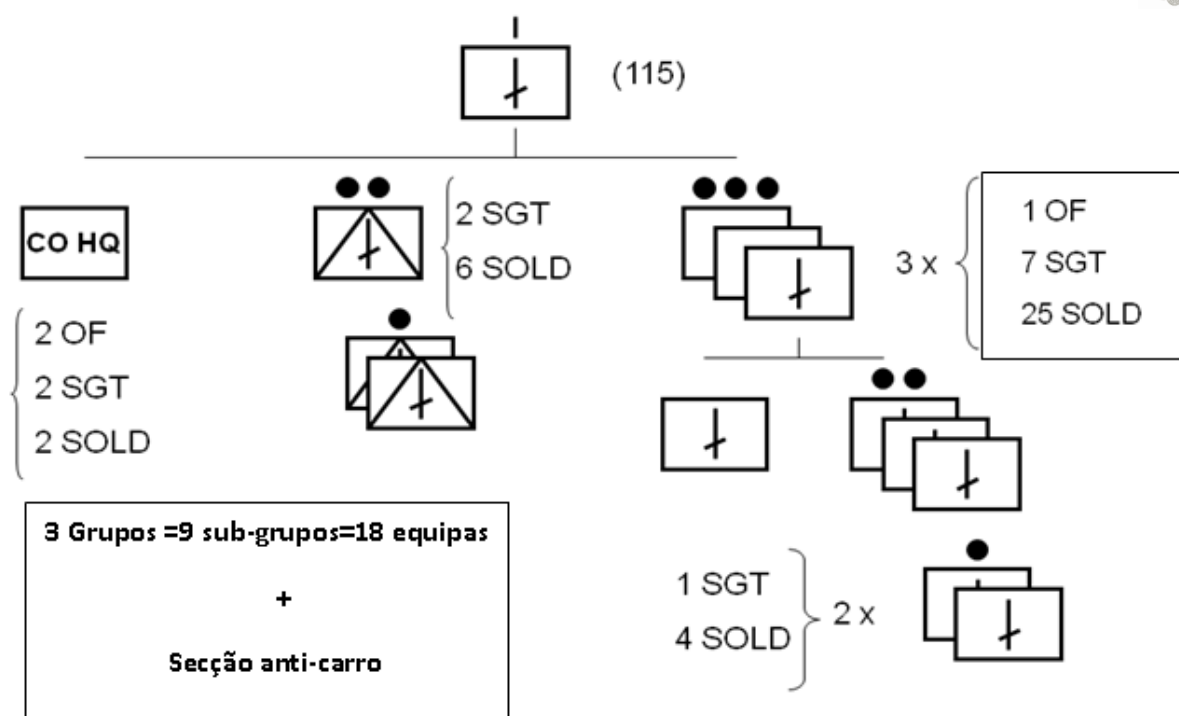


Figura 5 - Relação de militares da Companhia de COMANDOS

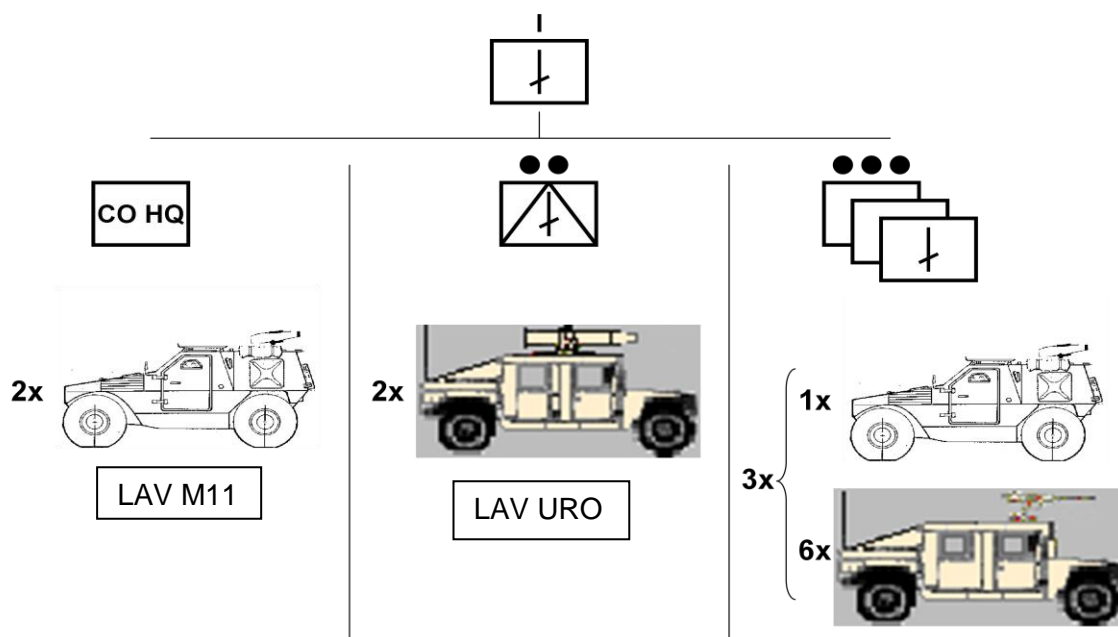


Figura 6 - Relação de viaturas da Companhia de COMANDOS



CONCLUSÃO

O Sniper é efectivamente uma “poderosa arma” ao dispor dos Comandantes, capaz de eliminar o sistema Comando e Controlo adversário de dia ou de noite, sob quaisquer condições meteorológicas e climatéricas, e em todas as fases da guerra.

Secundariamente pode actuar como Posto de Observação, adquirindo informação adicional sobre o campo de batalha, com capacidade para regular fogos indirectos se necessário. Devido às exigências das missões que lhes são atribuídas, a selecção e o treino destes militares são extremamente rigorosos.

A partir da segunda metade do século. XX, a luta anti-sniper começou a obter importância no campo de batalha, pelo que foram surgindo tácticas de detecção Sniper cada vez mais eficazes, como é o caso do sistema americano “Boomerang”.

No Afeganistão os Sniper contribuíram para a realização de várias tarefas, com os seus aparelhos de visão e com as suas TTP, auxiliaram a FND no âmbito da segurança da força, detectando antecipadamente material ou pessoal suspeito, garantindo assim à força o tempo suficiente para reagir a um ataque.

As Forças nacionais destacadas, uma vez que constituíam a reserva da Força internacional, desempenharam missões variadas. Entraram por várias vezes em contacto efectivo com forças opositoras.



CAPÍTULO III – O Método

INTRODUÇÃO

Como já foi referido inicialmente, para a realização deste estudo, foram utilizados os métodos da pesquisa bibliográfica e da entrevista.

A entrevista estruturada surge aqui neste capítulo como um instrumento de recolha de informações, na qual um conjunto de militares dos COMANDOS que esteve no Teatro de Operações do Afeganistão foi entrevistado, com o intuito de recolher informações relativamente ao emprego do Sniper.

Numa segunda fase será tratada a entrevista que foi efectuada a um Sniper do CTOE.

Neste capítulo serão igualmente apresentados e posteriormente tratados os resultados obtidos com base no referido instrumento. Será analisada individualmente cada uma das questões que constituíram as respectivas entrevistas³⁵.

No total foram entrevistados 11 militares, 4 oficiais e 7 Sargentos. Para tratamento dos dados, a cada uma das entrevistas será atribuída uma letra, (Ex.: entrevista A).

3.1 SELECÇÃO DA AMOSTRA

Para os militares do CTC, a selecção da amostra foi realizada tendo em conta os Oficiais e Sargentos que estiveram no Afeganistão. Uma vez que a informação que se pretende recolher é meramente qualitativa, as Praças não foram entrevistadas, na medida em que os militares que ocuparam funções de comando são os que melhor podem exprimir as suas preocupações enquanto Comandantes. Para melhor respondermos às questões derivadas relacionadas com o Sniper, levantadas na fase exploratória do trabalho, optou-se por entrevistar um Sargento Sniper.

Como já foi referido, no que concerne ao Exército, somente as Tropas Pára-quedistas e as Tropas COMANDO é que cumpriram missões nesse Teatro de Operações, no entanto, as entrevistas só se aplicaram aos últimos. Primeiro porque foram os militares que mais missões desempenharam e depois porque foram a única Força que teve Sniper integrados.

Uma vez que o meu local de estágio foi precisamente o Centro de Tropas COMANDO, foi relativamente fácil coordenar o dia e respectiva hora para realização das entrevistas.

3.2 ESTABELECIMENTO DO MEIO DE COMUNICAÇÃO

Para a realização das entrevistas dos COMANDOS, o meio de comunicação seleccionado foi o escrito, dado que a natureza simples das questões colocadas assim o permitiu.

³⁵ As entrevistas realizadas no CTC encontram-se anexadas ao presente trabalho, no anexo Q.



A entrevista ao Sargento Sniper do CTOE realizou-se através do contacto telefónico, visto na altura da realização do presente TIA, nenhum elemento dos Sniper que esteve destacado no Afeganistão, se encontrar disponível.

3.3 ESTRUTURA DAS ENTREVISTAS

A entrevista efectuada aos COMANDOS é composta por seis questões, duas das quais de resposta fechada, sendo que as restantes permitem ao entrevistado respostas mais variadas.³⁶

- ✓ A primeira questão pretende determinar em quantas missões os militares participaram no Afeganistão.
- ✓ A segunda pergunta tem como objectivo determinar se na(s) missão(ões) que desempenhou tinha Sniper integrados.
- ✓ A terceira questão tem como finalidade aferir o conhecimento do entrevistado relativamente aos Sniper.
- ✓ Na quarta pergunta solicita-se ao militar a respectiva opinião no que concerne á presença dos Sniper nas FND, ou seja, se considera uma mais-valia, ou se é dispensável.
- ✓ A quinta questão tem como propósito determinar se o entrevistado em alguma situação no Afeganistão, sentiu que a sua arma individual não era a mais indicada para fazer face á ameaça e reagir ao contacto.
- ✓ Na sexta e última pergunta é questionado ao militar, se tivesse a possibilidade de levar Sniper integrados na força, o que decidia.

A entrevista efectuada ao Sniper é composta por quatro questões de resposta aberta.

- ✓ A primeira questão pretende determinar se a instrução e o treino operacional ministrados no CTOE são apropriados para este tipo de TO.
- ✓ A segunda pergunta tem como objectivo aferir em que medida o equipamento e armamento disponível para a missão no Afeganistão era o mais apropriado.
- ✓ Na terceira questão é interrogado ao militar como correu a integração com os restantes elementos da FND.
- ✓ A quarta e última questão da entrevista tinha como finalidade, compreender se o tempo destinado ao aprontamento da força foi o suficiente para se sentir inteirado das TTP dos COMANDOS, visto actuarem sempre em conjunto.

³⁶ Ver o guião da entrevista no anexo O



3.4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Seguidamente serão tratadas individualmente as respectivas questões das entrevistas. Em primeiro lugar a dos militares dos COMANDOS, e por fim, a do Sniper.

3.4.1 Entrevista realizada aos COMANDOS

3.4.1.1 Questão 1

Entrevistados	Nº Missões no Afeganistão
Entrevistado A	2
Entrevistado B	2
Entrevistado C	1
Entrevistado D	1
Entrevistado E	1
Entrevistado F	2
Entrevistado G	2
Entrevistado H	2
Entrevistado I	2
Entrevistado J	1

Quadro 1 - Questão nº 1

3.4.1.2 Questão 2

Entrevistados	A Força tinha Sniper integrados?
Entrevistado A	Não
Entrevistado B	Sim
Entrevistado C	Não
Entrevistado D	Não
Entrevistado E	Sim
Entrevistado F	Sim
Entrevistado G	Sim
Entrevistado H	Sim



Entrevistados	A Força tinha Sniper integrados?
Entrevistado I	Sim
Entrevistado J	Sim

Quadro 2 - Questão nº 2

3.4.1.3 Questão 3

Entrevistados	O que pensa acerca das capacidades do Sniper?
Entrevistado A	Relevantes, pode ser utilizado como observador, permitindo detectar a ameaça prematuramente.
Entrevistado B	São uma mais-valia para a Força.
Entrevistado C	São um elemento de apoio para a Força.
Entrevistado D	Podem trazer grandes vantagens tácticas.
Entrevistado E	São bem equipados e treinados, bom poder de fogo, limitações em visibilidade reduzida.
Entrevistado F	Essenciais na montagem de Postos de observação, conferem protecção á Força no Terreno.
Entrevistado G	Observação a longas distâncias, protecção da Força no terreno, bate alvos a grandes distâncias.
Entrevistado H	Excelente “arma” de apoio nas missões de choque e assalto.
Entrevistado I	Bastante úteis, batem alvos a grandes distâncias e grande capacidade de observação.
Entrevistado J	Bater alvos a grandes distâncias e reduzir danos colaterais.

Quadro 3 - Questão nº 3

3.4.1.4 Questão 4

Entrevistados	Tendo em conta as missões em que participou, considera que a presença desses militares pode ser uma mais-valia? Justifique.
Entrevistado A	Sim, são excelentes observadores, para além de dar á Força



Entrevistados	Tendo em conta as missões em que participou, considera que a presença desses militares pode ser uma mais-valia? Justifique.
	capacidade de fazer fogo ajustado a mais de 400 m, garantindo o mínimo de danos colaterais.
Entrevistado B	Sim, pois podem bater alvos a grandes distâncias.
Entrevistado C	Sim, em várias situações pode apoiar o elemento de manobra com apoio de fogos, orientação de fogos ou aquisição de informações.
Entrevistado D	Sim, pelas razões indicadas na pergunta nº3.
Entrevistado E	Sim, são elementos que podem eliminar o inimigo a longas distâncias com maior precisão.
Entrevistado F	Sim, pois podem auxiliar quanto a movimentações suspeitas, através da observação e bater alvos a grandes distâncias.
Entrevistado G	Sim, confere protecção á Força no terreno.
Entrevistado H	Sim, justificado na questão 3.
Entrevistado I	Sim, é sempre uma mais-valia ter militares com essas características no terreno.
Entrevistado J	Sim, muitas das vezes que fomos emboscados, o Sniper poderia ter feito fogo ajustado sobre o inimigo a maiores distâncias.

Quadro 4 - Questão nº 4**3.4.1.5 Questão 5**

Entrevistados	Houve alguma situação em que esteve envolvido e que sentiu que a sua arma não era a mais apropriada para responder ao fogo, ou seja não tinha alcance suficiente para atingir a ameaça?
Entrevistado A	Não.
Entrevistado B	Sim, teoricamente o alcance da arma era mais do que suficiente, embora devido às condições envolventes (pó, luminosidade, etc.), a aquisição dos alvos era difícil.
Entrevistado C	Não.
Entrevistado D	Não.



Entrevistados	Houve alguma situação em que esteve envolvido e que sentiu que a sua arma não era a mais apropriada para responder ao fogo, ou seja não tinha alcance suficiente para atingir a ameaça?
Entrevistado E	Sim, por inúmeras vezes passávamos por locais com grandes campos de tiro, para eliminar o inimigo a grandes distâncias, sem que este se aproximasse, era preciso um Sniper.
Entrevistado F	A espingarda automática G3 continua a ser uma excelente arma devido ao seu calibre, apenas necessitamos de alças de aumento.
Entrevistado G	A G3 é adequada, faltavam alças de aumento para adquirir melhor o alvo.
Entrevistado H	Não.
Entrevistado I	Em relação ao alcance, nunca senti isso, contudo poderíamos estar melhor equipados em áreas edificadas.
Entrevistado J	Não, teve sempre ao alcance do objectivo.

Quadro 5 - Questão nº 5**3.4.1.6 Questão 6**

Entrevistados	Se voltasse novamente ao Afeganistão e tivesse a possibilidade de levar os Sniper integrados, levava?
Entrevistado A	Sim, pelas razões apresentadas anteriormente.
Entrevistado B	Sim, porque são militares que podem auxiliar a Força na realização de vários tipos de missões.
Entrevistado C	Sim, pelos motivos descritos na questão nº4.
Entrevistado D	Sim, pelas razões apresentadas na questão nº4.
Entrevistado E	Levava, sem dúvida alguma, um Sniper é essencial numa FND principalmente se for num Teatro de Operações como o Afeganistão.
Entrevistado F	Sim, os elementos Sniper são uma mais-valia para qualquer tipo de Força.
Entrevistado G	Sim, porque confere protecção a grandes distâncias.
Entrevistado H	Sim, justificado na questão nº3.
Entrevistado I	Claro que sim, pelo que referi nas questões 3 e 4.



Entrevistados	Se voltasse novamente ao Afeganistão e tivesse a possibilidade de levar os Sniper integrados, levava?
Entrevistado J	Sim, são necessários nas missões de reconhecimento e na ocupação de pontos sensíveis

Quadro 6 - Questão nº 6

3.4.2 Entrevista realizada ao Sniper

3.4.2.1 Entrevistado K

Questões	Respostas
1. Considera a instrução e o treino operacional ministrados no CTOE os mais apropriados para o tipo de missões que desempenhou no Afeganistão?	Sim, sem dúvida que o treino operacional, aliado ao aprontamento que tiveram, foi apropriado.
2. O equipamento e o armamento durante a missão no Afeganistão que teve disponível, foi o mais indicado?	Não, era necessária uma actualização. Ainda foi realizado um levantamento de material necessário, nomeadamente câmaras térmicas e aparelhos de visão nocturnas, mas não chegaram a ser adquiridos.
3. Sentiu-se bem integrado com os restantes elementos das FND?	Sim, a integração foi plena.
4. Na sua perspectiva, o tempo disponível para o aprontamento da força, foi o suficiente para se sentir inteirado das TTP dos COMANDOS, visto actuarem em conjunto?	Sim, o tempo foi o suficiente.

Quadro 7 – Entrevista ao Sniper

3.5 DISCUSSÃO RELATIVA À ENTREVISTA EFECTUADA AOS MILITARES DO CTC

Como podemos depreender na questão nº 1, 60% destes militares já estiveram destacados no Afeganistão por 2 vezes, sendo por esse motivo, elementos com uma vasta experiência no Teatro de Operações do Afeganistão.



A questão nº 2 diz-nos que em 70% dos casos, a FND tinha elementos Sniper integrados. Logo, poderão dizer-nos se o seu emprego se justificou ou se pelo contrário, o tipo de missões, a ameaça encontrada e o próprio terreno, não justificou a sua presença.

A 3ª pergunta sendo de natureza aberta, permitiu um vasto tipo de respostas da parte dos entrevistados, no entanto, facilmente nos apercebemos que todos eles indicam que os Sniper são efectivamente importantes para a FND no Afeganistão, quer pela sua capacidade de bater alvos a grandes distâncias, na qual um atirador comum não tem capacidade para o fazer, quer pela sua capacidade de observação.

Na questão nº 4 é possível verificar a unanimidade das respostas dos entrevistados, na qual a totalidade referiu que a presença dos Sniper é uma mais-valia para a FND.

A questão nº 5 tem como finalidade determinar se a espingarda automática G3 foi uma arma indicada para equipar a FND, tendo em conta o TO do Afeganistão. Assim, quando se fala em alcance, tem a ver simultaneamente com precisão, pois sabemos que o alcance efectivo da G3 é de 1700 m, contudo, a partir dos 200/300 m adquirir um alvo já requer grande perícia do atirador. É neste sentido que se pergunta se *“Houve alguma situação em que esteve envolvido e que sentiu que a sua arma não era a mais apropriada para responder ao fogo, ou seja não tinha alcance suficiente para atingir a ameaça?”*. Aqui as respostas foram variadas, embora a maioria tenha dito que não, de realçar que alguns dos entrevistados referiram que o uso de alças de aumento para adquirirem melhor o alvo seria bastante positivo. Na resposta do entrevistado E, podemos constatar que o emprego do Sniper foi sem dúvida justificado, pois a existência de grandes campos de tiro permitiam eliminar a ameaça a longas distâncias, tarefa que só o Sniper o poderia fazer.

Mais uma vez na questão nº 6 é possível verificar a opinião unânime quando se questiona *“Se voltasse novamente ao Afeganistão e tivesse a possibilidade de levar os Sniper integrados, levava?”* todos os entrevistados responderam positivamente e sem hesitações.

3.6 DISCUSSÃO RELATIVA À ENTREVISTA EFECTUADA AO SNIPER

Tal como se previa na hipótese levantada para responder à questão derivada nº 3, através da primeira pergunta da entrevista, ficamos a saber que a instrução e treino operacional realizado pelo CTOE em Lamego são indicados para este tipo de TO. Não esquecendo a necessidade de realizar um aprontamento eficaz, para os Sniper se inteirarem do modo de actuar das forças que os vão receber.



Ao analisarmos a resposta da segunda questão, vamos detectar uma lacuna, que se prende com a desactualização de determinados equipamentos, nomeadamente, aparelhos de visão nocturna e câmaras térmicas³⁷.

Saber que a integração dos militares do CTOE com os COMANDOS foi plena, cria um incentivo para uma crescente cooperação.

Na quarta questão constatámos que o tempo destinado ao aprontamento foi suficiente para que ambas as especialidades (COMANDO e Sniper) conseguissem ficar preparados para reagir de forma unânime a uma determinada situação.

CONCLUSÃO

Como podemos constatar, as entrevistas efectuadas aos COMANDOS são compostas por um conjunto de questões bastante simples, algumas delas relacionadas, tendo sempre por finalidade obter informações pertinentes, recolhidas com base na verdadeira experiência de militares que desempenharam funções no território hostil do Afeganistão. Ninguém melhor do que estes, poderá auxiliar no sentido de determinar se de facto o emprego dos Sniper é justificado nesse território. Através desta simples entrevista ficámos a saber que os COMANDOS consideraram o emprego dos Sniper como uma mais-valia para a Força, pelo que a sua presença no seio das FND é encarada de uma forma positiva, pelos diversos motivos apresentados.

Através da entrevista realizada ao Sniper, apurámos que a passagem pelo TO do Afeganistão dos Sniper foi muito positiva, na medida em que foram bem preparados e enquadrados com os restantes elementos da FND. Contudo, é importante referir que é essencial uma actualização de determinado equipamento, sobretudo para operar em condições de visibilidade reduzida.

³⁷ De referir que as FND chegaram a ser emboscadas durante períodos de visibilidade reduzida.



CONCLUSÕES

A presença dos Sniper é decididamente uma mais-valia para as FND. Podendo actuar em todos os níveis do conflito, estes elementos são vitais para o sucesso das operações militares quer sejam empregues actuando como postos de observação na aquisição de notícias (a sua missão secundária), quer através da sua capacidade para eliminar alvos a grandes distâncias. Preservando assim as Capacidades Operacionais das FND, nomeadamente as informações, a protecção e o poder de fogo.

Ficou garantidamente provado que Teatros de Operações como o Afeganistão, caracterizados por terem grandes campos de tiro em algumas partes do território, potenciam o emprego destes militares. Pois tal como dizia um elemento dos COMANDOS em entrevista, *“se eu puder eliminar a ameaça a 1.000 metros, não vou esperar que ela chegue aos 200”*.

Durante os deslocamentos das patrulhas, os Sniper poderão sentir maior dificuldade em reagir ao contacto. Este facto é fácil de entender, pois o seu armamento com fraca cadência de tiro não está destinado para este tipo de acções.

Por esse motivo, seria importante formar e aprontar atiradores especiais que tivessem capacidade para fazer fogo a distâncias compreendidas entre os 300 e os 800 metros. A situação ideal, para os COMANDOS, seria que em cada grupo houvesse uma equipa Sniper e seis atiradores especiais (um por equipa). Deste modo, a lacuna que existe quando temos um militar de Infantaria a fazer fogo com a espingarda automática G3 para os 300 metros e um Sniper a fazer fogo acima dos 800 metros, seria colmatada por esses atiradores especiais, pois esse espaço dos 300 aos 800 metros seria facilmente batido. Esta necessidade foi realmente sentida pelas FND durante as primeiras missões. Facto que levou à aquisição pelo Exército português de alças telescópicas. Todavia, não basta fornecer o equipamento, é indispensável apostar na formação dos militares.

Quanto às questões derivadas podemos considerar que as hipóteses que foram enunciadas correspondem à realidade. **QD1** *“O TO do Afeganistão apresenta características particulares que poderão afectar as Capacidades Operacionais dos Exércitos convencionais?”*, sem dúvida de que os Exércitos convencionais terão dificuldades em eliminar as ameaças num território com campos de tiro extensos. **QD2** *“O combatente Sniper possuiu características singulares que lhes permitem actuar em proveito das forças de combate convencionais a operarem no Afeganistão?”*, mais uma vez, a resposta é positiva, as características do Sniper permitem às forças de combate enfrentarem determinadas ameaças com uma maior redução do risco. **QD3** *“Terão os Sniper do Exército português a instrução e treino adequado ao Teatro de*



Operações do Afeganistão?”, tendo em conta as missões para o qual são destinados, o treino que têm mostrou-se adequado, contudo, pelo que pudemos concluir através desta investigação, a falta de experiência resultante do reduzido empenhamento em missões de apoio à paz fez-se notar. O que também é algo normal e que só poderá ser superado com a experiência acumulada. **QD4** “*A actuação dos Sniper das FND, que já operaram no Afeganistão constituiu-se como um factor multiplicador do potencial?*”, esta questão ficou facilmente elucidada ao analisar as entrevistas, pois a totalidade dos entrevistados, considerou os Snipers como uma mais-valia para a FND, acabando por encontrar resposta à **QD5**.

Após analisar estas questões derivadas e estabelecer as respectivas respostas, encontramos-nos em condições para tratar a questão central deste estudo. Fomos levados a concluir que realmente o Sniper pode preservar as Capacidades Operacionais das FND quer seja eliminando o sistema de comando e controlo do adversário de dia ou de noite, sob quaisquer condições meteorológicas ou climáticas, e em todas as fases da guerra, quer seja através da sua actuação como posto de observação, para adquirir informação adicional sobre o campo de batalha, com capacidade de regular fogos directos se necessário.

Uma FND que cumpra missões num território extremamente hostil como é o caso do Afeganistão, que tenha Snipers integrados, certamente que estará mais bem preparada para detectar e eliminar as suas ameaças. Temos de ter presente a ideia de que um Sniper adquire um alvo muito mais rapidamente que um atirador normal, logo, garante à força maior capacidade de reacção.

No conflito assimétrico que vivemos actualmente, a presença destes militares é fundamental, da mesma maneira que os atiradores especiais também são uma mais-valia para as FND.



PROPOSTAS

Antes de iniciar as propostas gostaria de fazer uma breve referência. Os americanos possuem integrados nos seus Batalhões equipas Sniper. Encontram-se sob o comando directo do Comandante de Batalhão. No Exército português só em Lamego no CTOE é que os podemos encontrar. Referi apenas o caso americano porque podemos encarar o seu Exército como um dos mais experientes do mundo, e a verdade é que ninguém pode afirmar o contrário. A sua hegemonia permite-lhes combater em diversos Teatros de Operações em simultâneo. Se os americanos com as suas lições aprendidas continuam a manter os Sniper integrados nos seus Batalhões, por que razão em Portugal quando se constitui uma FND não há a preocupação de ter integrados os Sniper? É evidente que estamos a comparar duas realidades completamente distintas ou até mesmo incomparáveis, a vários níveis. Mas a ideia que se pretende realçar, é realmente a importância que os americanos atribuem a este tipo de atirador.

Na nossa perspectiva, uma estreita cooperação entre o CTOE e as Unidades com encargo operacional seria uma medida bastante favorável, no sentido de haver possibilidade da frequência do curso de Sniper, uma vez que, actualmente somente os elementos de operações especiais, ou da Companhia de operações especiais da Guarda Nacional Republicana ou do Destacamento de Acções Especiais da Armada podem frequentar o curso.

Se realmente não houver essa possibilidade, então, nesse caso deveria haver equipas Sniper atribuídas aos Batalhões de Infantaria. Deste modo, seria proveitoso, não só para as Unidades que recebiam os Sniper, mas sobretudo para os mesmos, pois seria certamente um factor de motivação para esses militares se houvesse uma crescente possibilidade de serem destacados para missões em novos Teatros de Operações. Para além desse facto, não nos podemos esquecer da experiência e lições aprendidas que seriam acumuladas.

Outra medida que consideramos muito positiva para as Unidades de Infantaria, dadas as características dos actuais conflitos, é a criação de cursos de atiradores especiais. Estes atiradores especiais, não são um conceito novo. Existem propostas, nomeadamente no Centro de Tropas COMANDO, para avançar na criação deste curso. Há inclusivamente propostas para aquisição de equipamento e armamento (ver anexo P) com a finalidade de equipar estes elementos. No entanto, infelizmente o projecto não tinha avançado até à data do final do presente trabalho.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS E PUBLICAÇÕES

ACADEMIA MILITAR - *Orientações para redacção de trabalhos*, Lisboa, Academia Militar, (2008).

António, José & Álvares, Mário; Armamento do Exército Português, *Vol. I – Armamento Ligeiro*. Prefácio.

BAPTISTA, Paulo; Afeganistão-uma análise geopolítica: reflexões sobre a questão da paz e da guerra/TCor Paulo Luis Antunes Baptista; Revista Militar. - Lisboa. -Nº4/ (2006).

BARRINHA, André; Impactos mutuos: a NATO e a missão no Afeganistão/André Barrinha; política Internacional-Lisboa. -Nº 30 (2006).

CARRIÇO, Manuel; Afeganistão: os desafios para as forças da NATO/Capitão Manuel Carriço; Jornal do Exército. - Lisboa. - Nº533 (2004).

CORDESMAN, Anthony; The lessons of Afghanistan/Anthony H. Cordesman; Washington D.C.: CSIS. (2002)

COUTINHO, Pereira; IED uma ameaça presente nas operações comandos, Revista ADAGA, nº2, (2007).

COUTO, Abel; Elementos de Estratégia, (1988).

DIAS, Rodrigues; Atirador-Especial – Sniper, da origem aos nossos tempos, Revista Azimute nº177, (2004).

EICHLER, Jan; L`Otan peut-elle réussir en Afghanistan? Défense Nationale et Sécurité Collective, (2007).

Ferreira, Brandão; Portugal: os conflitos militares dos ultimos trinta anos/TCor João José Brandão Ferreira; Revista Militar. -Lisboa. - Nº2 (Fevereiro-Março 2005).

GALLIS, Paul; NATO in Afghanistan: a test of the Transatlantic Alliance/Paul Gallis; Connections (ed. inglesa).-Germany.-Nº3 (2007).

GRILO, António; 2ªCompanhia de comandos e o seu regresso ao Afeganistão, Revista ADAGA, nº2, (2007)

PEGLER, Martin; *out of nowhere, a history of the military sniper*, OSPREY PUBLISHING, (2004).

PEGLER, Martin; *The Military Sniper since 1914*, OSPREY PUBLISHING, (2001).



PLASTER, John; *the ultimate sniper*, copyright (2006).

SANTOS, Rico dos; Comandos a caminho do Afeganistão/Alferes Rico dos Santos; Jornal do Exército. - Lisboa. - Nº572 (Abril 2008).

SILVA, Manuel da; O Afeganistão e a evolução do radicalismo islamita: de 2001 à actualidade/ Coronel Manuel da Silva; Jornal do Exército. -Lisboa. - Parte 1: Nº569 (Janeiro 2008) Parte 2: Nº570 (Fevereiro 2008).

MANUAIS MILITARES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

RC 130

FM 3-06

FM 23-10

SÍTIOS DA INTERNET

<http://www.cfr.org/publications/9126/>

Consultado em 20 de Agosto de 2008

<http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=223>

Consultado em 25 de Junho de 2008

<https://www.cia.gov/search?NS-search-page=results>

Consultado em 11 de Julho de 2008

<http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/flags/af-flag.html>

Consultado em 10 de Julho de 2008

<http://resistir.info/chossudovsky/al-qaeda-10jan08.html>

Consultado em 28 de Julho de 2008

<http://world.guns.ru/sniper/ai-aw762.jpg>

Consultado em 10 de Julho de 2008

<http://home.swipnet.se/longrange/barret95%201.jpg>

Consultado em 10 de Julho de 2008

<http://www.nato.int/docu/basic/txt/treaty.htm>

Consultado em 25 de Junho de 2008

http://www.rspb.org.uk/Images/snipe_300_tcm9-142482.jpg

Consultado em 25 de Julho de 2008

<http://img128.imageshack.us/img128/3492/snipers6fz8cx.th.jpg>

Consultado em 10 de Julho de 2008



http://www.onr.navy.mil/media/releases/image_gallery/images/boomerang_hmmwv.jpg

Consultado em 10 de Julho de 2008

http://www.nato.int/isaf/docu/epub/maps/graphics/afghanistan_prt3.pdf

Consultado em 20 de Julho de 2008

http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Sr25_Left.jpg

Consultado em 10 de Julho de 2008

http://en.wikipedia.org/wiki/Image:M110_ECP_Left.jpg

Consultado em 10 de Julho de 2008



ANEXOS

Anexo A

Artigo 5º do Tratado do Atlântico

The Parties agree that an armed attack against one or more of them in Europe or North America shall be considered an attack against them all and consequently they agree that, if such an armed attack occurs, each of them, in exercise of the right of individual or collective self-defense recognized by Article 51 of the Charter of the United Nations, will assist the Party or Parties so attacked by taking forthwith, individually and in concert with the other Parties, such action as it deems necessary, including the use of armed force, to restore and maintain the security of the North Atlantic area.

Any such armed attack and all measures taken as a result thereof shall immediately be reported to the Security Council. Such measures shall be terminated when the Security Council has taken the measures necessary to restore and maintain international peace and security.

(Fonte: <http://www.nato.int/docu/basic/txt/treaty.htm>, consultado em 25 de Junho de 2008)



Anexo B

Localização geográfica do Afeganistão



Figura B 1. – Localização geral.

Fonte: Apresentação PowerPoint do CTC de 26 de Abril de 2006.



Figura B 2. – Localização específica

Fonte: Apresentação PowerPoint do CTC de 26 de Abril de 2006.

Anexo D

Relevo do Afeganistão

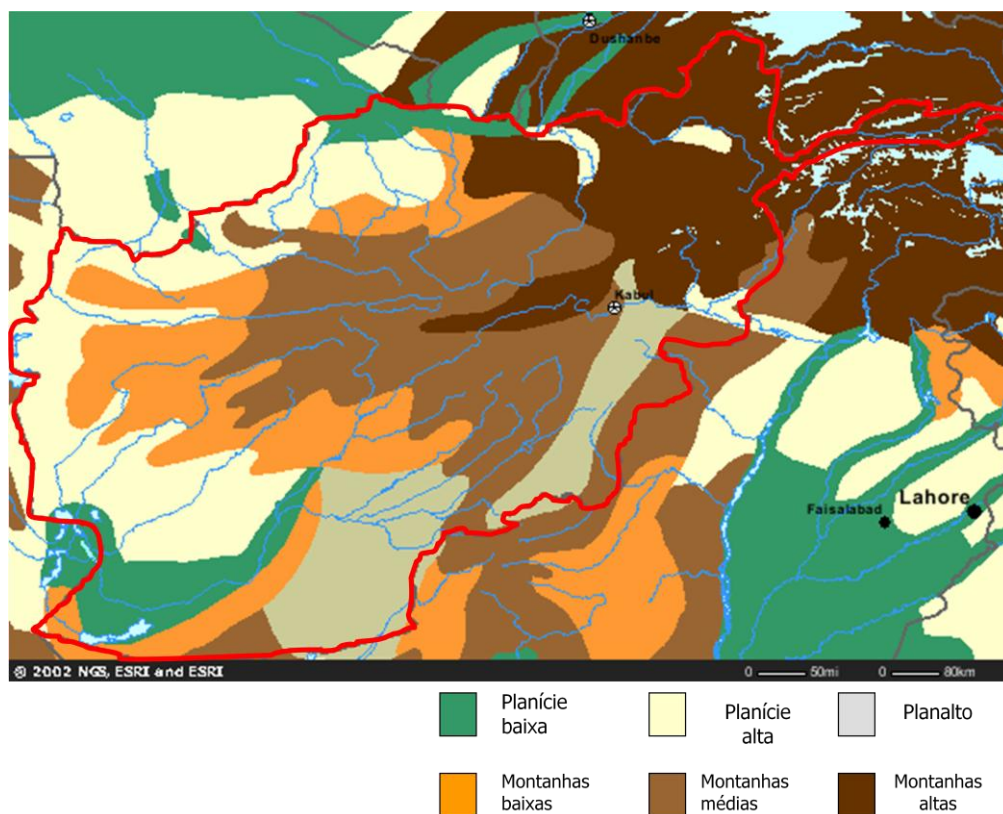


Figura D1. Relevo do Afeganistão, (sendo as partes mais escuras as mais acidentadas).
Fonte: Apresentação do CTC em 26 de Abril de 2006

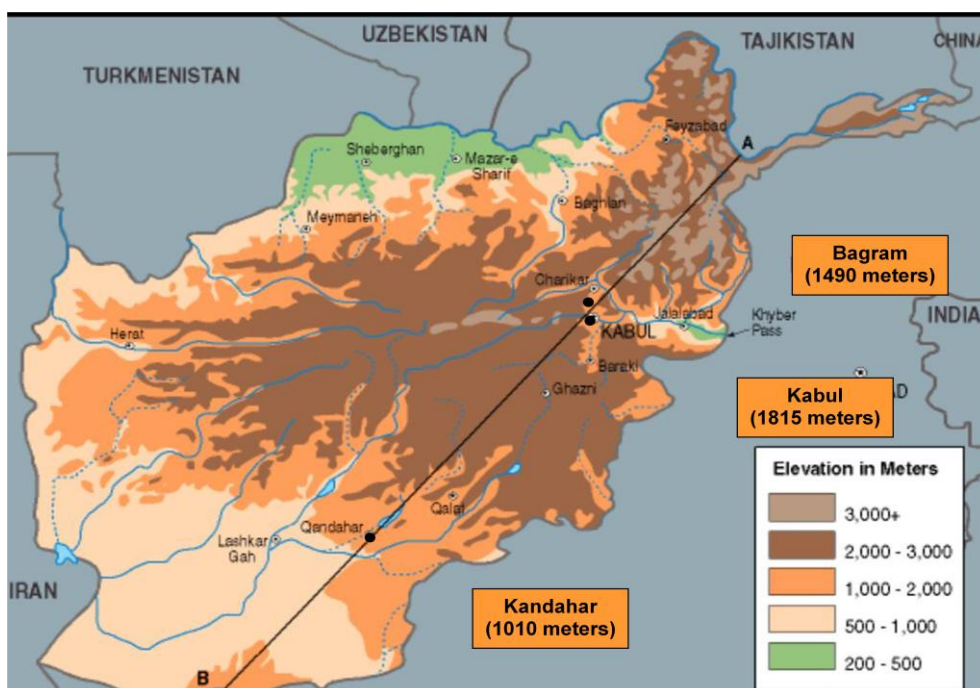


Figura D 2. – Mapa representativo da altitude em metros do terreno afegão.
Fonte: Apresentação do CTC em 26 de Abril de 2006.



Anexo E

Divisão em 3 regiões do Afeganistão

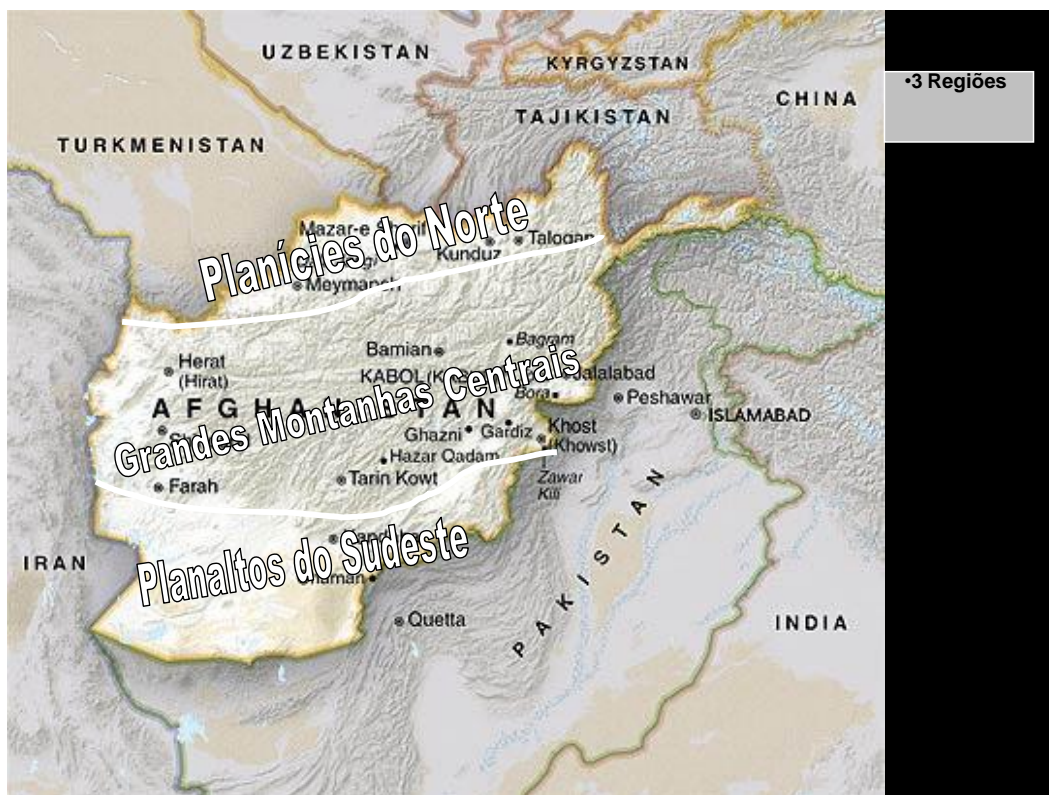


Figura E 1. – Divisão do Afeganistão em 3 grandes regiões, as planícies do Norte, as grandes montanhas centrais e os planaltos do sudeste.

Fonte: Apresentação do CTC em 26 de Abril de 2006.



Anexo F

Hidrologia do território afegão

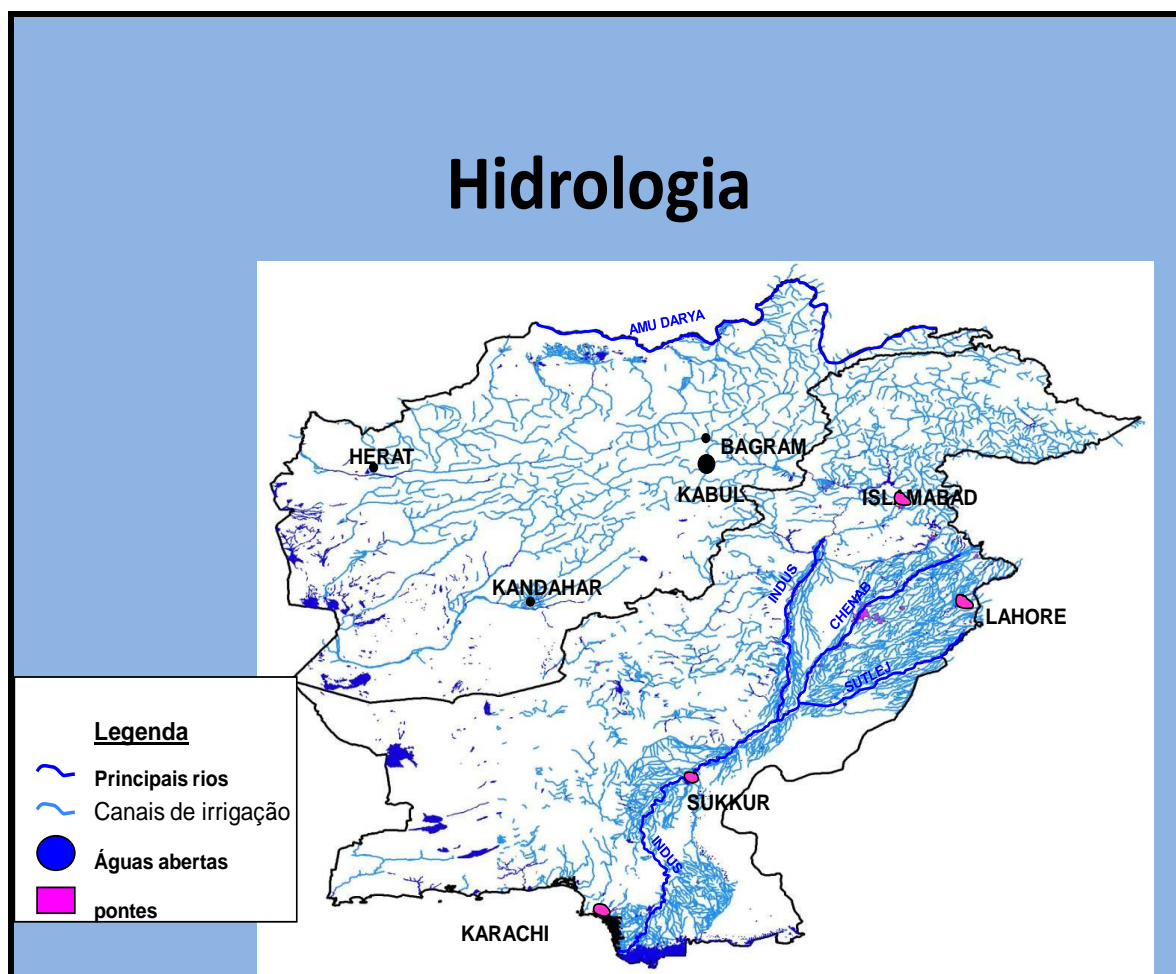


Figura F 1. – Principais sistemas fluviais

Fonte: Apresentação do CTC em 26 de Abril de 2006.



Anexo G

Principais aeroportos



Figura G 1. – Localização dos principais aeroportos.
Fonte: Apresentação do CTC em 26 de Abril de 2006.



Figura G 1. – Rede rodoviária.
Fonte: Apresentação do CTC em 26 de Abril de 2006.



Anexo H

Kandahar



Figura H 1. – Fotografia de uma província de Kandahar.
Fonte: colecção particular.



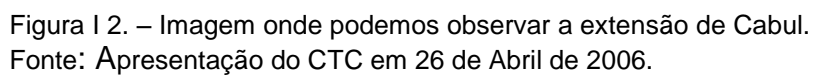
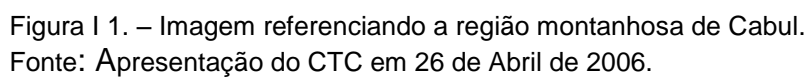
Figura H 2. – Fotografia de uma plantação de ópio na região de Kandahar.
Fonte: colecção particular.



Figura H 3. – Fotografia do principal tipo de terreno de Kandahar.
Fonte: colecção particular.



Figura H 1. – Patrulhamento dos COMANDOS na região de Kandahar .
Fonte: colecção particular.



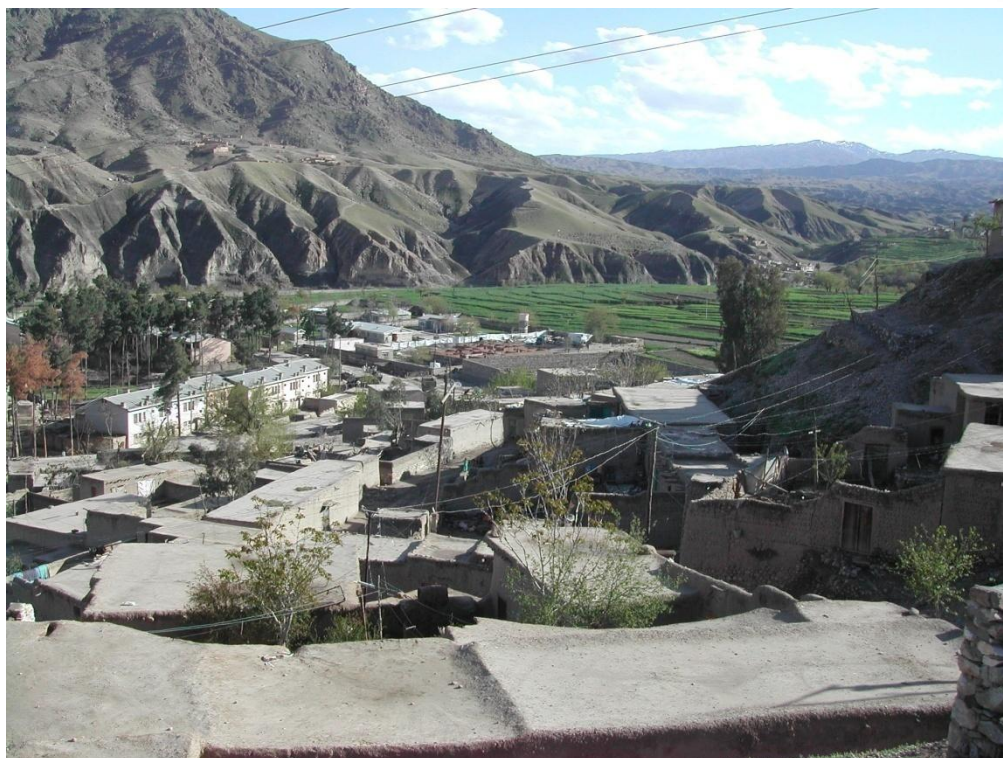


Figura I 3. – Província na região de Cabul.
Fonte: colecção particular.



Figura I 4. – Patrulhamento dos COMANDOS na região de Cabul.
Fonte: colecção particular.



Figura I 5. – Região montanhosa de Cabul.
Fonte: colecção particular.



Anexo J

Snipe



Figura J 1. – A ave que deu origem ao nome Sniper.

Fonte: http://www.rspb.org.uk/Images/snipe_300_tcm9-142482.jpg

Anexo K

Sniper



Figura K 1. – Sniper do CTOE.

Fonte: <http://img128.imageshack.us/img128/3492/snipers6fz8cx.th.jpg>

Anexo L

Boomerang



Figura L 1. – Sistema de detecção Sniper americano “boomerang” instalado numa viatura ligeira HMMWV

Fonte: http://www.onr.navy.mil/media/releases/image_gallery/images/boomerang_hmmwv.jpg



Anexo M

Relação de militares distribuídos pelo Afeganistão por países.

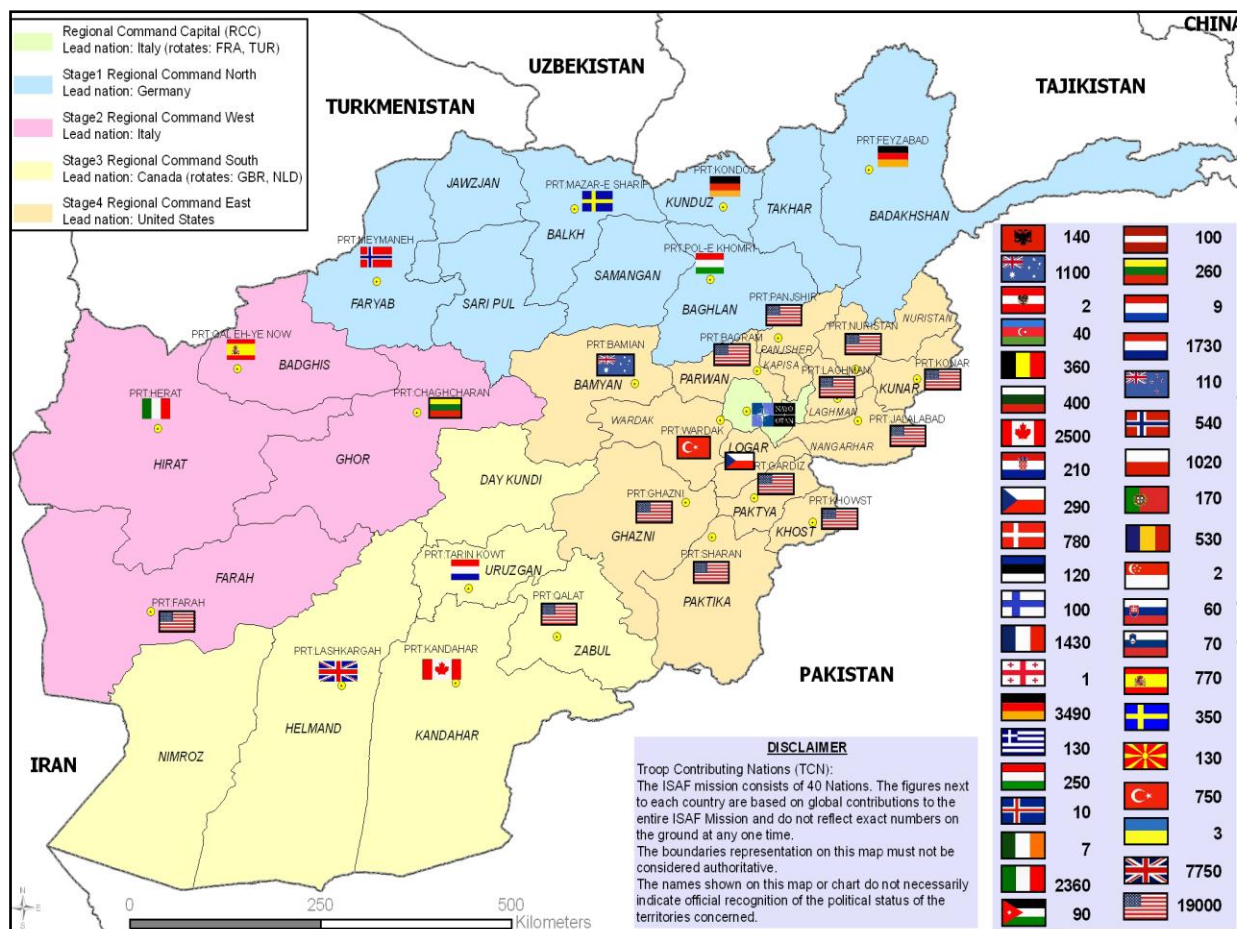


Figura M 1. – Relação de militares distribuídos pelo Afeganistão por países.

Fonte: http://www.nato.int/isaf/docu/epub/maps/graphics/afghanistan_prt3.pdf

Anexo N

O conflito - fases

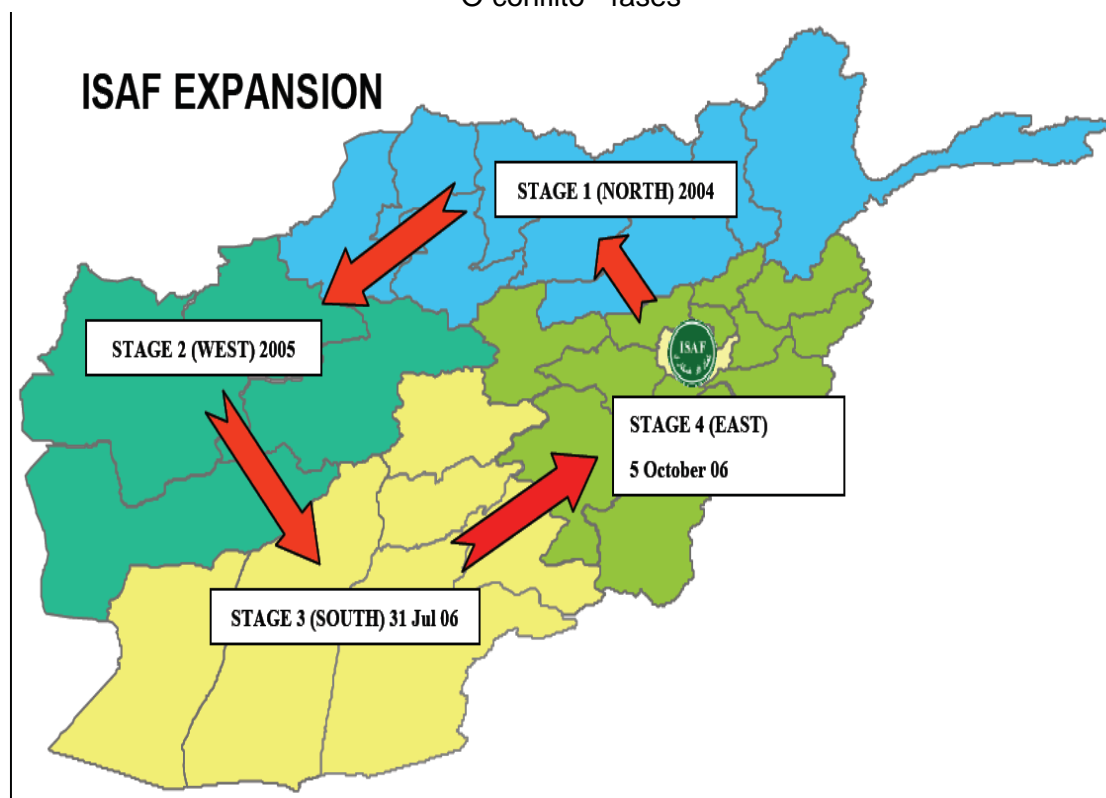


Figura N 1. – Fases do conflito no Afeganistão.

Fonte: http://www.nato.int/isaf/docu/epub/maps/graphics/afghanistan_prt3.pdf



Anexo O



Academia Militar

ENTREVISTA

TEMA: «Os Snipers e as Forças Nacionais Destacadas No Afeganistão»

Unidade: _____

Data: ____/____/____

Arma/Serviço: _____ Posto: _____ Função _____

Missão compreendida entre _____ a _____

AUTOR: Aspirante Aluno de Infantaria Pires Borges

ORIENTADOR: Tenente-coronel de Infantaria Vasconcelos Cipriano



Esta entrevista surge no âmbito do trabalho de investigação aplicado e tem como objectivo recolher informações relativamente á temática «Os Snipers e as Forças Nacionais Destacadas No Afeganistão». Desde já, OBRIGADO pela sua colaboração.

Questão nº1

Em quantas missões no Teatro de Operações no Afeganistão esteve presente?

Questão nº2

A Força tinha Snipers integrados nessa(s) missão(ões)?

SIM ☐

NÃO ☐

Questão nº3

O que pensa acerca das capacidades do Sniper?

Questão nº4

Tendo em conta as missões na qual que participou considera que a presença desses militares pode ser considerada uma mais-valia para a Força Nacional Destacada? Justifique a sua resposta.



Questão nº5

Houve alguma situação que esteve envolvido e que sentiu que a sua arma não era a mais apropriada para responder ao fogo, ou seja, não tinha alcance suficiente para atingir a ameaça?

Questão nº 6

Se voltasse novamente ao Afeganistão e tivesse a possibilidade de levar integrados na Força, elementos Sniper, levava? Justifique.

Anexo P

Possíveis armas para equipar atiradores especiais



Figura P 1. – Sr 25

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Sr25_Left.jpg



Figura P 2. – M 110

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Image:M110_ECP_Left.jpg



Anexo Q

Entrevistas